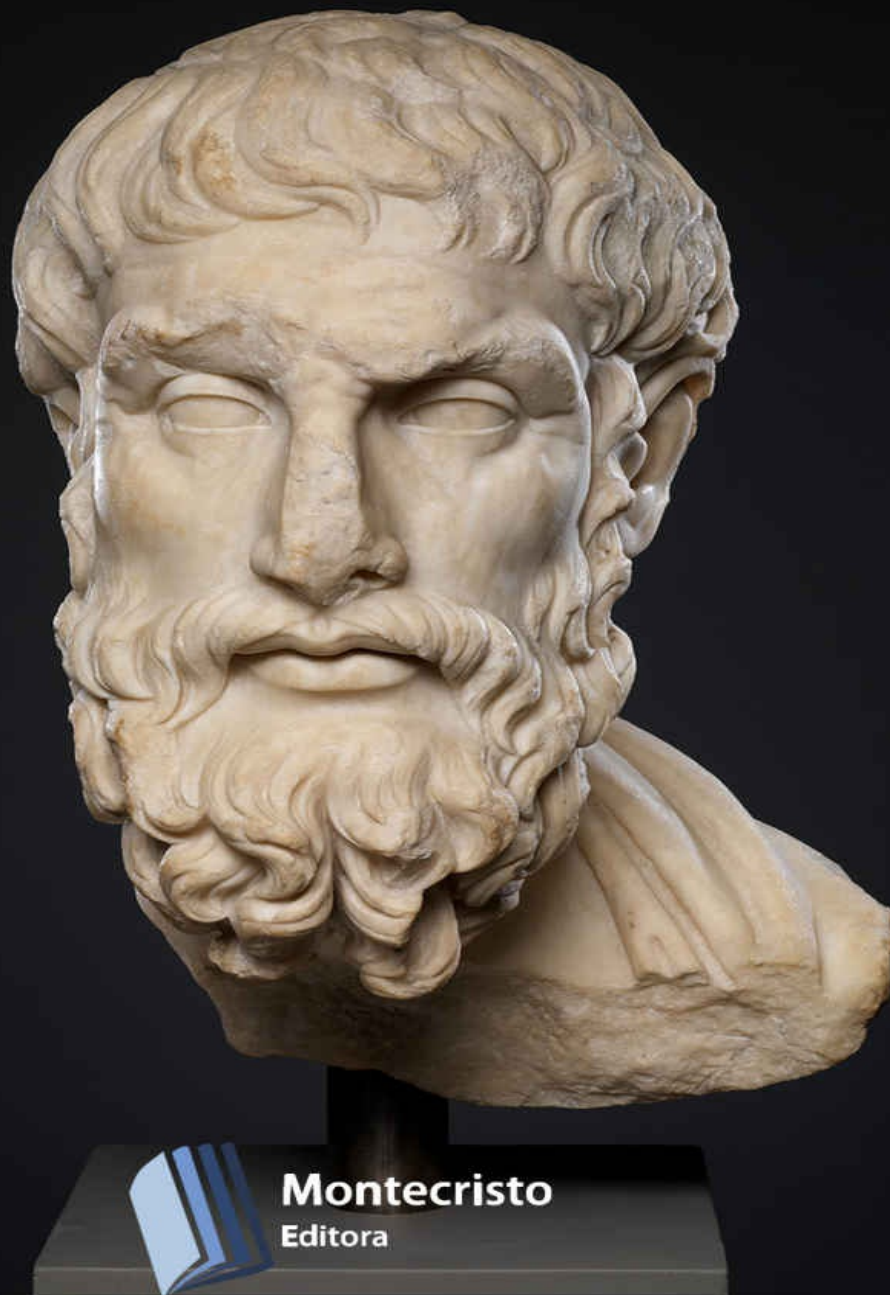


CARTAS E PRINCÍPIOS

CARTAS A MENECEU, PÍTOCLES, HERÓDOTO
40 PRINCIPAIS DOCTRINAS

EPICURO

EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS - INGLÊS



Montecristo
Editora

Epicuro,
Cartas e Princípios

**CARTAS A MENECEU, PÍTOCLES,
HERÓDOTO E 40 PRINCIPAIS
DOUTRINAS**

"QUE NINGUÉM SE DEMORE A BUSCAR A SABEDORIA
QUANDO FOR JOVEM, NEM SE CANSE NA BUSCA DELA
QUANDO ENVELHECER"

Tradução, introdução e notas de
LÚCIO JAKOBSMUSCHEL



©2019 Copyright Montecristo Editora

Epicuro, Cartas e Princípios

CARTAS A MENECEU, PÍTOCLES, HERÓDOTO E 40 PRINCIPAIS DOUTRINAS

Supervisão de Editoração/Capa
Montecristo Editora

Tradução
Lúcio Jakobsmuschel

Tradução Original em Inglês
MIT Classics, por Robert Drew Hicks

Original em Inglês, Tradução de Diógenes Laércio
Projeto Persus da Tufts University

Imagem da Capa
Busto de Epicuro no Museu Britânico

ISBN:
978-1-61965-167-8 – Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.
e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Montecristo
Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Epicuro

Epicuro, Cartas e Princípios / Epicuro; introdução, tradução e notas de *Lúcio Jakobsmuschel* – Montecristo Editora, 2019.

ISBN: 978-1-61965-167-8

1. Crítica e interpretação 2. Felicidade 3. Filosofia antiga 4. Epicurismo. 5. Ética 5.
Moral I. Jakobsmuschel, Lúcio. II. Hicks, R.D. III. Título

02-2880 CDD-187

Introdução

EPICURO E SUA FILOSOFIA

Epicuro (grego antigo: Ἐπίκουρος, 341-270 AC) nasceu na ilha grega de Samos, de pais atenienses. Foi um dos principais filósofos no período helenístico, que desenvolveu uma metafísica impiedosamente materialista, uma epistemologia empirista e uma ética hedonista. Ele defendia que os constituintes básicos do mundo são átomos, pedaços de matéria não divisíveis, voando através do espaço vazio, e tentou explicar todos os fenômenos naturais em termos atômicos.

Epicuro rejeitou a existência de uma alma imaterial e formulações platônicas, e disse que os deuses não têm influência em nossas vidas. Para ele, o objetivo de todas as ações de uma pessoa era alcançar o prazer (concebido como tranquilidade) para si próprio, e que isso poderia ser feito limitando seus desejos e banindo o medo dos deuses e da morte.

Epicuro foi um escritor volumoso, mas quase nenhum de seus próprios trabalhos resistiu. **Diógenes Laércio**, escreveu um livro de 10 volumes, [Vidas dos Filósofos](#)¹, que inclui três das cartas de Epicuro em sua narrativa da vida e ensinamentos de Epicuro. Estas três cartas são breves resumos das principais áreas da filosofia de Epicuro: a ***Carta a Heródoto***, que resume sua metafísica, a ***Carta a Pitócles***, que dá explicações atômicas para fenômenos meteorológicos, e a ***Carta a Meneceu***, que resume sua ética, esta última é mais conhecida como *Carta sobre a felicidade*, já que versa justamente sobre a conduta humana tendo em vista alcançar a tão almejada saúde do espírito.

Por causa da ausência de escritos próprios de Epicuro, temos que contar com escritores posteriores para reconstruir seu pensamento. Duas de nossas fontes mais importantes são o poeta romano **Lucrécio** (c. 94-55 AC) e o político

romano **Cícero** (106-43 AC.). Lucrécio foi um epicurista que escreveu [*De Rerum Natura*](#) (Sobre a Natureza das Coisas), um poema de seis livros sobre a metafísica de Epicuro. Cícero era um adepto da academia cética, que escreveu uma série de obras estabelecendo os principais sistemas filosóficos de seu tempo, incluindo o epicurismo. Outra fonte importante é o ensaísta **Plutarco** (c. 50-120 DC.), um Platonista. No entanto, tanto Cícero como Plutarco eram muito hostis ao epicurismo, por isso devem ser usados com cuidado, uma vez que muitas vezes são menos que caridosos para com Epicuro, e podem distorcer seus pontos de vista para servir a seus próprios propósitos.

Embora as grandes linhas do pensamento de Epicuro sejam suficientemente claras, a falta de fontes significa que muitos dos detalhes de sua filosofia ainda estão abertos à disputa.

EPICURO, CARTAS E PRINCÍPIOS

Este livro contém os **textos fundamentais do Epicurismo**:

- 1) Principais Doutrinas de Epicuro – Princípios**
- 2) Carta a Heródoto, sobre física atômica**
- 3) Carta a Pítocles, sobre astronomia**
- 4) Carta a Meneceu, sobre a Felicidade**

Uma geração depois de Aristóteles, Epicuro argumentou que conforme os átomos se moviam através do vazio, havia ocasiões em que eles "desviavam-se" de seus caminhos de outra forma determinados, iniciando assim novas cadeias causais. Então a intuição de Epicuro acerca de uma aleatoriedade fundamental estava correta. Assim como a intuição de Demócrito de átomos no vazio foi confirmada pela física moderna, também o desviar de Epicuro foi confirmado pela física quântica.

A carta a Pítocles é a segunda da trilogia de cartas que Epicuro escreveu para resumir os aspectos centrais de sua filosofia. Em contraste com a carta a Heródoto, esta carta focaliza o problema de explicar as coisas que vemos no céu, em vez de assuntos que estão diretamente diante de nós aqui na terra.

Esta mudança de foco nos permite ver um dos aspectos mais essenciais do Cânone de Epicuro sobre a verdade. Os fenômenos celestes são exemplos clássicos de assuntos sobre os quais temos apenas provas limitadas. Nessas situações, onde a evidência não é suficiente para chegar a uma conclusão com certeza, o homem sábio deve se abster de pronunciar julgamento, e deve "esperar" por evidências adicionais. Entretanto, a menos que e até que mais provas sejam encontradas, o sábio será muito cuidadoso ao classificar uma teoria como verdadeira ou falsa. Ele pronunciará apenas que algumas teorias são possíveis, porque estão de acordo com a evidência, ou que algumas teorias não são possíveis, porque entram em conflito com a evidência, ou que algumas teorias, que são possíveis, são mais prováveis que outras, devido ao

peso da evidência que suporta cada uma delas.

Embora saibamos agora que, em relação ao tamanho do sol, Epicuro vaticinou de forma equivocada, o método de pensar que ele empregava continua sendo válido, e estudando seu raciocínio podemos observar a aplicação de várias das mais importantes regras canônicas de Epicuro.

Primeiro, onde as evidências são conflitantes, a certeza não deve ser alegada.

Segundo, onde uma nova teoria supõe uma questão que entraria em conflito com um fato previamente estabelecido com convicção, a nova teoria deve ser rejeitada. A suposição dos platonistas, de que o sol era de tamanho imenso, foi baseada em parte em sua teoria de que o sol era um deus. Para Epicuro, o ato de lançar-se pelo espaço, como uma imensa bola de fogo, entraria em conflito com as expectativas dos homens da natureza divina como calma e bem-aventurada, por isso a suposição deve ser rejeitada.

Assim, na questão que era de suprema importância para a vida humana, a de saber se o sol e as estrelas são deuses que controlam os assuntos dos homens, o método epicureano levou à conclusão correta, enquanto que o racionalismo platônico levou à conclusão errada. Mesmo sem as ferramentas da ciência moderna, Epicuro havia determinado corretamente que, não importando seu tamanho, o sol e as estrelas não eram deuses a serem adorados. Em contraste, os Platonistas, carregando a bandeira da lógica matemática, concluíram que o sol e as estrelas eram enormes e também deuses que guiavam os assuntos dos homens.

Aqueles que são tentados a descartar **Epicuro**, por causa dos erros, são melhor respondidos por **Cícero**, que escreveu há dois mil anos, a seguinte passagem:

"Você se diverte pensando que Epicuro era inculto. A verdade é que Epicuro se recusou a considerar qualquer educação digna desse nome se não nos ensinasse os meios para viver feliz. Será que Epicuro se ocupou, como Platão, com música e geometria, aritmética e astronomia, que na melhor das hipóteses são meras ferramentas, e que, se partem de falsas premissas, nunca podem revelar a verdade ou contribuir em nada para tornar nossas vidas

mais felizes, e portanto melhores? Será que Epicuro estudou as artes limitadas, como estas, e negligenciou a arte mestre, tão difícil, mas correspondentemente tão frutífera, a arte de viver? Não! Não era Epicuro que estava desinformado. Os realmente incultos são aqueles que nos pedem para continuar estudando, até a velhice, as matérias que deveríamos ter vergonha de não ter aprendido quando éramos crianças"!

TRECHOS:

“3. A magnitude do prazer atinge seu máximo limite na remoção de toda dor. Quando o prazer está presente, desde que seja ininterrupto, não há dor nem do corpo, nem da mente, nem de ambos ao mesmo tempo”

“Que ninguém se demore a buscar a sabedoria quando for jovem, nem se canse na busca dela quando envelhecer. Pois nenhuma idade é muito cedo ou muito tarde para a saúde da alma.”

“Não se trata de uma sucessão ininterrupta de bebedeiras e folias, nem de ato sexual, nem de prazeres de mesa requintada, que produzem uma vida agradável; é raciocínio sóbrio, buscando os fundamentos de toda escolha e abstenção, e banindo aquelas crenças pelas quais as maiores perturbações tomam posse da alma.”

A tradução

A tradução para o português foi baseada em versões em inglês, principalmente no trabalho de [Robert Drew Hicks](#), que consta desse volume. Também foi consultado a tradução de [Cyril Bailey](#). A leitura do site "[Epicurean Friends](#)" foi muito útil.

Espero que gostem deste texto tanto quanto eu.

Lúcio Jakobsmuschel.

São Paulo, Dezembro de 2019

Classificação dos desejos segundo Epicuro					
Desejos naturais				Desejos Inúteis	
Necessários			Simplemente naturais	Artificiais	Irrealizáveis
<i>Para a felicidade (eudaimonia)</i>	<i>Para a tranquilidade do corpo</i>	<i>Para a vida (nutrição, sono)</i>	<i>Variações de prazeres, busca do agradável</i>	<i>Exemplo: riqueza, glória</i>	<i>Exemplo: imortalidad</i>

Principais Doutrinas de Epicuro - Princípios

1. O ser feliz e eterno não se perturba a si mesmo e não causa problemas a nenhum outro ser; por isso ele está livre de impulsos de ira e parcialidade, pois cada um desses impulsos implica fraqueza.
2. A morte não é nada para nós, porque o corpo, quando está dissolvido nos seus elementos, não tem sentimento, e o que não tem sentimento não é nada para nós.
3. A magnitude do prazer atinge seu máximo limite na remoção de toda dor. Quando o prazer está presente, desde que seja ininterrupto, não há dor nem do corpo, nem da mente, nem de ambos ao mesmo tempo.
4. A dor contínua não dura muito tempo no corpo; pelo contrário, a dor, se extrema, está presente por um curto tempo. As doenças de longa duração permitem mesmo uma predominância de prazer sobre a dor no corpo.
5. É impossível viver uma vida agradável sem viver sabiamente, bem e justamente, e é impossível viver sabiamente, bem e justamente sem viver agradavelmente. Quando falta alguma destas coisas, quando, por exemplo, a pessoa não é capaz de viver sabiamente, embora viva bem e com justiça, torna-se impossível para ela viver uma vida agradável.
6. Tudo o que você pode fornecer a si mesmo para garantir proteção contra os homens é um bem natural.
7. Algumas pessoas têm procurado se tornar famosas e renomadas, pensando que, assim, elas se tornariam seguras contra seus semelhantes-humanos. Se,

então, a vida de tais pessoas estivesse realmente segura, elas alcançariam o bem natural; se, no entanto, ela estivesse insegura, elas não teriam alcançado o fim que, pelo próprio estímulo da natureza, originalmente buscaram.

8. Nenhum prazer é em si mesmo mau, mas as coisas que produzem certos prazeres acarretam aborrecimentos muitas vezes maiores do que os próprios prazeres.

9. Se todos os prazeres fossem acumuláveis, se não fossem apenas recorrências no tempo, mas em todo o contexto ou, pelo menos, nas partes principais da natureza humana, nunca haveria diferença entre um prazer e outro, como de fato existe.

10. Se os objetos geradores de prazeres para propiciar às pessoas realmente as libertassem dos medos da alma, - os medos, quero dizer, inspirados pelos fenômenos celestes e atmosféricos, o medo da morte, o medo da dor; se, além disso, lhes ensinassem a limitar seus desejos, nunca teríamos nenhuma falha a encontrar com tais pessoas, pois elas seriam então preenchidas com prazeres que transbordariam por todos os lados e estariam livres de toda dor, seja do corpo ou da mente, isto é, de todo mal.

11. Se não ficássemos perturbados pelas nossas dúvidas sobre os fenômenos do céu e sobre a morte, temendo que ela nos diga respeito, e também pela nossa incapacidade de compreender os limites das dores e dos desejos, não teríamos necessidade da ciência natural.

12. Um homem não pode dissipar seu medo sobre os assuntos mais importantes se não sabe qual é a natureza do universo, mas confia na verdade de alguma história mítica. De modo que, sem a ciência natural, não é possível alcançar os nossos prazeres imaculados.

13. Não há proveito em assegurar proteção em relação aos homens, se as coisas acima, e as coisas abaixo da terra, e na verdade todas no universo ilimitado, permanecerem questões de dúvida.

14. A fonte mais pura de proteção contra os homens, que é assegurada até certo ponto por uma certa força de exclusão, é de fato a imunidade que resulta de uma vida tranquila e do distanciamento do mundo.

15. A riqueza exigida pela natureza é simultaneamente simples e facilmente obtida; a que é exigida pela imaginação parva estende-se até ao infinito.

16. A Fortuna, porém, raramente interfere com o sábio; seus maiores e mais elevados interesses têm sido, são e serão dirigidos pela razão ao longo de sua vida.

17. O homem justo é o mais livre da angústia; o injusto o mais cheio de angústia.

18. O prazer carnal não aumenta quando uma vez removida a dor do desejo, mas só varia: e o limite do prazer na mente é gerado pela compreensão racional desses mesmos prazeres e das emoções semelhantes a eles, que provocavam o maior medo à mente.

19. O tempo infinito não contém maior prazer do que o tempo limitado, se medirmos, pela razão, os limites do prazer.

20. O corpo compreende como ilimitado os limites do prazer. Mas a mente, apreendendo em pensamento qual é o fim e o limite do corpo, e banindo os terrores do futuro, proporciona uma vida completa e perfeita, e já não tem necessidade de tempo ilimitado. No entanto, não evita o prazer e, mesmo na hora da morte, quando é expulsa da existência pelas circunstâncias, não falta à mente o gozo da melhor vida.

21. Aquele que compreende os limites da vida sabe como é fácil conseguir o suficiente para remover a dor do desejo e tornar toda a vida completa e perfeita. Por isso, não tem mais necessidade de coisas que não devem ser ganhas, a não ser pelo trabalho e pelo confronto.

22. Devemos considerar tanto o propósito real, quanto todas as evidências de percepção direta, às quais sempre referimos as conclusões da opinião; caso contrário, tudo estará cheio de dúvida e confusão.

23. Se você lutar contra todas as suas sensações, você não terá nenhum padrão a que se referir e, portanto, nenhum meio de julgar até mesmo aqueles julgamentos que você pronuncia falsos.

24. Se você rejeitar absolutamente qualquer sensação sem parar para discriminar com relação àquilo que aguarda confirmação entre a matéria de opinião e aquilo que já está presente, seja na sensação ou nos sentimentos ou em qualquer percepção imediata da mente, você vai jogar na confusão até mesmo o resto de suas sensações pela sua crença infundada e, portanto, você estará rejeitando completamente o padrão da verdade. Se em suas idéias baseadas na opinião, você apressadamente afirmar como verdadeiro tudo o que aguarda confirmação e o que não espera confirmação, não escapará ao erro, pois estará mantendo total ambiguidade sempre que se tratar de julgar entre a opinião certa e a errada.

25. Se você não fizer, em todas as ocasiões distintas, referência a cada uma de suas ações para o fim prescrito pela natureza, mas em vez disso no ato de escolher ou evitar afastar-se para algum outro fim, seus atos não serão consistentes com suas teorias.

26. Dos desejos, tudo o que não conduz a uma sensação de dor, se não for satisfeito, não é necessário, mas implica um desejo que é facilmente dissipado quando o objeto é difícil de obter, ou parece provável que produza dano.

27. De todos os meios que são procurados pela sabedoria para assegurar a felicidade durante toda a vida, de longe o mais importante é a aquisição de amigos.

28. A mesma convicção que inspira confiança de que nada do que temos a

temer é eterno ou mesmo de longa duração, também nos permite ver que, mesmo nas nossas condições limitadas de vida, nada aumenta tanto a nossa segurança como a amizade.

29. De nossos desejos uns são naturais e outros necessários, outros são naturais, mas não necessários; outros, novamente, não são naturais nem necessários, mas se devem a opiniões falsas.

30. Os desejos naturais que não causam dor quando não são satisfeitos, embora seus objetos sejam perseguidos com veemência, devem-se também à opinião falsa; e quando não são eliminados, não é por sua própria natureza, mas pela opinião falaciosa da pessoa.

31. A justiça que surge da natureza é um compromisso de vantagem mútua, para impedir que os homens se ofendam uns aos outros e para evitar que sejam ofendidos.

32. Os animais que são incapazes de fazer pactos uns com os outros, a fim de não poderem infligir nem sofrer danos, estão desprovidos de justiça ou injustiça. E as tribos que não puderam ou não quiseram formar pactos mútuos para o mesmo fim estão no mesmo caso.

33. Nunca houve uma justiça absoluta, mas apenas um acordo feito em associação recíproca em quaisquer localidades, vez por outra, de tempos em tempos, providenciando contra a imposição ou sofrimento de danos.

34. A injustiça não é em si mesma um mal, mas apenas em sua consequência, isto é, o terror que é provocado pela apreensão de que aqueles nomeados para punir tais ofensas irão descobrir a injustiça.

35. É impossível para a pessoa que viola em segredo qualquer artigo do pacto social se sentir segura de que ficará impune, mesmo que já tenha escapado dez mil vezes; pois até o fim de sua vida nunca tem certeza de que não será descoberta.

36. Em geral, a justiça é a mesma para todos, ou seja, algo que é útil na associação mútua; mas na sua aplicação a casos particulares de localidade ou condições de qualquer tipo, ela varia em diferentes circunstâncias.

37. Entre as coisas contabilizadas apenas pelo direito convencional, tudo o que nas necessidades da associação mútua é atestado como sendo útil, é assim carimbado como justo, quer seja ou não o mesmo para todos; e no caso de qualquer lei ser feita e não se provar adequada à utilidade da associação mútua, então isto já não é justo. E se a utilidade que é expressa pela lei variar e apenas por um tempo corresponder à concepção anterior, no entanto, por enquanto era justa, desde que não nos preocupemos com palavras vãs, mas olhemos simplesmente para os fatos.

38. Onde, sem qualquer alteração das circunstâncias, as leis convencionais, quando julgadas pelas suas consequências, não parecem corresponder à noção de justiça, tais leis não são realmente justas; mas onde as leis deixaram de ser úteis em consequência de uma alteração das circunstâncias, nesse caso as leis foram justas, provisoriamente, apenas quando úteis para a associação mútua dos cidadãos, e deixaram subsequentemente de ser justas quando deixaram de ser úteis.

39. O homem que melhor ordenou o elemento de inquietação decorrente das circunstâncias externas fez as coisas que poderia aproximar-se de si mesmo, e o resto pelo menos não estranho; mas com tudo o que não podia fazer nem isso, ele se absteve de se misturar, e excluiu de sua vida tudo o que era vantajoso assim tratar.

40. Todos quantos têm o poder de obter imunidade total de seus vizinhos, estes também vivem mais agradavelmente uns com os outros, pois têm a mais certa garantia de segurança e, depois de terem desfrutado da mais plena intimidade, não se lamentam da partida prévia de um amigo morto, como se ele tivesse pena.

Carta a Heródoto, Sobre física

Saudações de Epicuro a Heródoto

Para aqueles que são incapazes, Heródoto, de percorrer em detalhe tudo o que escrevi sobre a natureza, ou de examinar os livros maiores que compus, já preparei com suficiente profundidade um resumo de todo o sistema, para que possam ter adequadamente em mente pelo menos os princípios mais gerais em cada departamento, a fim de que, quando surgir a ocasião, possam prestar-se assistência nos pontos mais importantes, na medida em que empreendam o estudo da natureza.

Mas também aqueles que fizeram progressos consideráveis no levantamento dos princípios fundamentais devem ter em mente o esquema de todo o sistema estabelecido em sua essência.

Pois temos necessidade frequente da visão geral, mas não tanto da exposição detalhada. Na verdade, é necessário voltar aos princípios fundamentais, e constantemente fixar na memória o suficiente para dar a uma pessoa a compreensão mais essencial da verdade.

E, de fato, o conhecimento exato dos detalhes será totalmente desvendado, se os princípios gerais nos vários departamentos forem bem compreendidos e tidos em mente; pois, mesmo no caso de alguém totalmente iniciado, a característica mais essencial em todo o conhecimento exato é a capacidade de fazer um uso rápido da observação e da compreensão mental, e isso pode ser feito se tudo for resumido em princípios e fórmulas elementares.

Pois não é possível para ninguém abreviar o curso completo através de todo o sistema, se ele não pode abraçar em sua própria mente por meio de fórmulas curtas tudo o que pode ser estabelecido com precisão nos detalhes.

Portanto, uma vez que o método que descrevi é valioso para todos aqueles

que estão acostumados à investigação da natureza, eu que exorto outros a ocuparem-se constantemente na investigação da natureza, e encontrar a minha própria paz principalmente numa vida tão ocupada, compus para vocês outro epítome sobre estas diretrizes, resumindo os princípios primordiais de toda a doutrina.

Em primeiro lugar, Heródoto, devemos compreender as ideias ligadas às palavras, para que possamos referi-las e assim julgar as inferências de opinião ou problemas de investigação ou reflexão, a fim de não deixar tudo incerto e continuar explicando até o infinito ou usar palavras desprovidas de sentido.

Para isso, é essencial que se considere a primeira imagem mental associada a cada palavra, e que não haja necessidade de explicação, se quisermos realmente ter um padrão ao qual referir um problema de investigação ou reflexão ou uma inferência mental.

E, além disso, devemos manter todas as nossas investigações de acordo com nossas sensações, e em particular com as apreensões imediatas da mente ou de qualquer um dos instrumentos de julgamento, e também de acordo com os sentimentos existentes em nós, a fim de que possamos ter indicações pelas quais possamos julgar tanto o problema da percepção dos sentidos quanto o invisível.

Tendo deixado estes pontos claros, devemos agora considerar as coisas imperceptíveis para os sentidos.

Em primeiro lugar, que nada se cria a partir daquilo que não existe, porque se assim fosse, tudo se criaria a partir de tudo, sem necessidade de sementes.

E novamente, se aquilo que desaparece fosse destruído naquilo que não existe, todas as coisas teriam perecido, já que aquilo em que foram dissolvidas não existiria mais.

Além disso, o universo sempre foi tal como é agora, e sempre será o mesmo. Pois não há nada em que mude: porque fora do universo não há nada que possa entrar nele e provocar a mudança.

Além disso, o universo é corpo e espaço: que os corpos existam, o próprio sentido testemunha na experiência de todos os homens, e de acordo com a evidência do sentido devemos necessariamente julgar o imperceptível pelo raciocínio, como já disse.

E se não houvesse espaço, aquilo a que também chamamos vazio e lugar e existência intangível, os corpos não teriam onde existir e nada por onde se mover, como eles são vistos a se mover.

E, além desses dois, nada se pode pensar, nem sequer por concepção nem por analogia, em coisas concebíveis, que possam ser entendidas como existências inteiras e não como acidentes ou propriedades de tais existências.

Além disso, entre os corpos, alguns são compostos, outros são constituídos por compostos. E estes são indivisíveis e inalteráveis (isto é, se todas as coisas não devem ser destruídas no inexistente, mas algo permanente deve ficar para trás na dissolução de compostos): eles são completamente sólidos na natureza, e não podem de modo algum ser dissolvidos em qualquer parte.

Portanto, é preciso que os primeiros primórdios sejam existências corpóreas indivisíveis. Além disso, o universo é ilimitado. Pois aquilo que é delimitado tem um ponto extremo: e o ponto extremo é visto em oposição a algo mais. De modo que, como não tem ponto extremo, não tem limite; e, como não tem limite, deve ser ilimitado e não limitado.

Além disso, o infinito é ilimitado tanto no número de corpos como na extensão do vazio. Pois se, por um lado, o vazio fosse ilimitado e os corpos limitados em número, os corpos não poderiam ficar em qualquer lugar, mas seriam transportados e espalhados através do vazio infinito, não tendo outros corpos para sustentá-los e mantê-los no lugar por meio de colisões. Mas se, por outro lado, o vazio fosse limitado, os corpos infinitos não teriam espaço para ocupar seu lugar.

Além disso, os corpos indivisíveis e sólidos, dos quais também são criados os compostos e nos quais são dissolvidos, têm um número incompreensível de variedades de formas, pois não é possível que essas grandes variedades de coisas surjam das mesmas formas atômicas, se forem limitadas em número.

Assim, os átomos são, em cada forma, infinitos em número, mas as suas diferenças de forma não são infinitas, mas apenas inexprimíveis em número. E os átomos se movem continuamente durante todo o tempo, uns caindo em linha reta, outros desviando-se e outros se afastando de suas colisões.

E destes últimos, alguns são sustentados, separando-se uns dos outros por a uma longa distância, enquanto outros novamente se retraem e recuam, sempre que podem ser controlados pelo entrelaçamento com outros, ou então enclausurados por átomos entrelaçados em torno deles. Porque, por um lado, a natureza do vazio que separa cada átomo por si só o provoca, pois não é capaz de resistir e, por outro lado, a dureza dos átomos os faz recuar após a colisão até uma distância tão grande quanto o entrelaçamento permite a separação após a colisão. E estes movimentos não têm início, pois os átomos e o vazio são a causa.

Estas breves palavras, se todos estes pontos forem tidos em conta, proporcionam um esboço suficiente para a nossa compreensão da natureza das coisas existentes.

Além disso, há infinitos mundos tanto semelhantes como diferentes deste nosso mundo. Pois os átomos sendo infinitos em número, como já foi provado, são carregados para muito longe no espaço. Com efeito, os átomos que são de tal natureza, que deles ou por eles poderiam ser criados um mundo, não foram utilizados nem num só mundo, nem num número limitado de mundos, nem em todos os mundos semelhantes, nem naqueles que são diferentes entre si.

De modo que não existe em parte alguma um obstáculo para o número infinito dos mundos. O movimento da matéria elementar pelo espaço leva a imagens que, quando recebidas pelos sentidos, são nossos meios de conhecimento. Além disso, há imagens semelhantes em forma aos corpos sólidos, superando em muito as coisas perceptíveis em sua sutileza de textura.

Pois não é impossível que tais emanções se formem naquilo que envolve os objetos, nem que haja oportunidades para a formação de tais estruturas ocas e finas, nem que haja efluentes que preservem a respectiva posição e ordem

que eles tinham antes nos corpos sólidos: essas imagens que nós chamamos ídolos. Em seguida, nada entre as coisas perceptíveis contradiz a crença de que as imagens têm uma finura de textura insuperável. E por isso têm também uma velocidade de movimento insuperável, pois o movimento de todos os seus átomos é uniforme e, além disso, nada ou muito poucas coisas impedem sua emissão por colisões, enquanto um corpo composto por muitos ou infinitos átomos é ao mesmo tempo impedido por colisões. Além disso, nada contradiz a crença de que a criação dos ídolos ocorre tão rápido quanto o pensamento.

Porque o fluxo de átomos da superfície dos corpos é contínuo, mas não pode ser detectado por qualquer diminuição do tamanho do elemento devido ao reabastecimento constante do que é perdido.

O fluxo de imagens preserva durante muito tempo a posição e a ordem dos átomos no corpo sólido, embora ocasionalmente seja confuso. Além disso, os ídolos compostos são rapidamente formados no ar em redor, porque não é necessário que a sua substância seja preenchida no seu interior profundo: além disso, existem outros métodos em que se produzem existências deste tipo.

Pois nenhuma dessas crenças é contrariada por nossas sensações, se quisermos ver de que forma a sensação nos trará as visões claras dos objetos externos, e de que modo novamente as respectivas sequências de qualidades e movimentos. Agora devemos supor também que é quando algo entra em nós a partir de objetos externos que não só vemos como pensamos nas suas formas.

Pois os objetos externos não poderiam causar em nós uma impressão da natureza de sua própria cor e forma por meio do ar que está entre nós e eles, nem novamente por meio dos raios ou efluentes de qualquer tipo que passam de nós para eles - quase tão bem como se modelos, semelhantes em cor e forma, deixassem os objetos e entrassem de acordo com seu respectivo tamanho em nossa visão ou em nossa mente; movendo-se rapidamente, isto é, reproduzindo a imagem de uma única coisa contínua e preservando a correspondente sequência de qualidades e movimentos do objeto original

como resultado do seu contato uniforme conosco, mantido pela vibração dos átomos no interior do corpo concreto.

E cada imagem que obtemos por um ato de apreciação por parte da mente ou dos órgãos sensoriais, seja de forma ou de propriedades, esta imagem é a forma ou as propriedades do objeto concreto, e é produzida pela constante repetição da imagem ou da impressão que deixou.

Agora, falsidade e erro estão sempre presentes na junção de opiniões a respeito do que está à espera de ser confirmado ou não desmentido, e depois não é confirmado ou desmentido.

Pois a semelhança entre as coisas que existem, que chamamos reais e as imagens recebidas como semelhança das coisas e produzidas no sono ou através de outros atos de apreciação por parte da mente ou dos outros órgãos de julgamento, nunca poderia ser, a menos que houvesse alguns fluxos desta natureza que entrassem realmente em contato com os nossos sentidos.

E não haveria erro se não houvesse também outro tipo de movimento dentro de nós, intimamente ligado à compreensão das imagens, mas diferente dela; e é por isso, supondo que não se confirma ou se contradiz, que surge a falsidade; mas se confirmada ou não desmentida, é verdadeira.

Portanto, devemos fazer o nosso melhor para manter esta doutrina em mente, a fim de que, por um lado, os padrões de julgamento dependentes das visões claras não possam ser minados e, por outro lado, o erro não possa ser estabelecido firmemente como verdade e assim jogar tudo em confusão. Além disso, ouvir, também, resulta quando uma onda é levada do objeto que fala ou soa ou faz um barulho, ou causa de qualquer outra forma uma sensação de audição.

Agora esta onda é dividida em partículas, cada uma como o todo, que ao mesmo tempo preservam uma correspondência de qualidades umas com as outras e uma unidade de caráter que se estende até o objeto que emitiu o som: esta unidade é que na maioria dos casos produz compreensão no receptor, ou, se não, apenas manifesta a presença do objeto externo.

Pois sem a transferência pelo objeto de alguma correspondência de suas qualidades, a compreensão de sua natureza não poderia ocorrer. Não devemos então supor que o ar real é moldado pela voz que é emitida ou por outros sons semelhantes - pois estará muito longe de ser assim agido por ela - mas que o sopro que ocorre dentro de nós, quando emitimos nossa voz, provoca ao mesmo tempo um espremer de certas partículas, que produzem uma onda de ar, de tal forma que nos proporciona a sensação de audição. Além disso, devemos supor que o olfato também, assim como a audição, nunca poderia provocar qualquer sensação, a menos que houvesse certas partículas retiradas do objeto de tamanho adequado para agitar esse órgão-sensorial, algumas delas de forma desordenada e alheia a ele, outras de forma regular e semelhante em natureza. Embora não possamos ver o material elementar em si, as qualidades das coisas que vemos ao nosso redor derivam das propriedades básicas desses materiais elementares. Além disso, devemos supor que os átomos não possuem nenhuma das qualidades pertencentes às coisas perceptíveis, exceto forma, peso e tamanho, e tudo o que necessariamente vai com a forma.

Pois toda qualidade muda; mas os átomos não mudam em absoluto, pois deve haver algo que permanece sólido e indissolúvel na desintegração dos compostos, que pode causar mudanças; não mudanças no inexistente ou do inexistente, mas mudanças efetuadas pela mudança de posição de algumas partículas, e pela adição ou exclusão de outras. Por esta razão, é essencial que os corpos que mudam de posição sejam imperecíveis e não possuam a natureza do que muda, mas sim partes e configurações próprias. Pois assim muito precisa permanecer constante. Pois mesmo nas coisas perceptíveis para nós, que mudam de forma pela retirada da matéria, vê-se que a forma permanece para elas, ao passo que as qualidades não permanecem no objeto mutável, na maneira em que a forma é deixada para trás, mas são perdidas de todo o corpo.

Ora, essas partículas deixadas para trás são suficientes para causar as diferenças nos corpos compostos, pois é essencial que algumas coisas sejam deixadas para trás e não sejam destruídas no nada. Além disso, também não devemos supor que todos os tamanhos existem entre os átomos, a fim de que as evidências dos fenômenos não nos contradigam, mas devemos supor que

existem algumas variações de tamanho. Pois se for esse o caso, podemos dar uma melhor conta do que acontece nos nossos sentimentos e sensações.

Mas a existência de átomos de todos os tamanhos não é necessária para explicar as diferenças de qualidades nas coisas, e ao mesmo tempo alguns átomos seriam obrigados a entrar em nossa mente e ser visíveis; mas isso nunca é visto como o caso, nem é possível imaginar como um átomo poderia se tornar visível. Além disso, não devemos supor que, num corpo limitado, possa haver partes infinitas ou partes de cada grau de pequenez.

Portanto, não devemos apenas acabar com a divisão em partes menores e menores até o infinito, para que não possamos tornar todas as coisas fracas, e assim na composição dos corpos agregados ser obrigados a esmagar e dilapidar as coisas que existem no inexistente, mas também não devemos supor que em corpos limitados há uma possibilidade de continuar até o infinito, passando mesmo para partes menores e menores.

Pois se uma vez se diz que há partes infinitas em um corpo ou partes de qualquer grau de pequenez, não é possível conceber como isso poderia ser, e como poderia o corpo deixar de ser limitado em tamanho? (Porque é óbvio que essas partículas infinitas devem ser de algum tamanho; e por menor que o fossem), o tamanho do corpo também seria infinito.

E ainda, como o corpo limitado tem um ponto extremo, que se distingue, ainda que não seja perceptível por si mesmo, não se pode conceber que o ponto seguinte não seja de caráter semelhante, ou que, se continuarmos assim de um ponto a outro, seja possível avançarmos para a marcação infinita de tais pontos em nossa mente.

Devemos também notar que a menor coisa na sensação não é exatamente igual àquela que admite a progressão de uma parte para outra, nem em todos os aspectos é totalmente diferente dela, mas tem uma certa afinidade com tais corpos, mas não pode ser dividida em partes.

Mas quando na analogia desta semelhança pensamos em dividir partes dela, uma de um lado e outra do outro, deve ser necessário que um outro ponto como o primeiro se encontre com a nossa visão. E olhamos para estes pontos

em sucessão a partir do primeiro, não dentro dos limites do mesmo ponto nem em contato com a peça, mas sim por meio de suas próprias características específicas medindo o tamanho dos corpos, mais em um corpo maior e menos em um menor.

Agora devemos supor que a menor parte do átomo também tem a mesma relação com o todo; porque ainda que na pequenez seja óbvio que excede o que se vê pela sensação, mas tem as mesmas relações. Porque de fato já declaramos no fundamento de sua relação com os corpos sensíveis que o átomo tem tamanho, só que o colocamos bem abaixo em pequenez.

Além disso, devemos considerar esses pontos menos indivisíveis como fronteiras, fornecendo em si mesmos como unidades primárias a medida de tamanho para os átomos, tanto para os menores como para os maiores, na nossa consideração mental desses corpos invisíveis. Pois a afinidade que as menores partes do átomo têm com as partes homogêneas das coisas sensíveis é suficiente para justificar nossa conclusão a este ponto: mas é impossível que elas se juntem sempre como corpos com movimento.

Além disso, no infinito não devemos falar de "para cima" ou "para baixo", como se com referência a um absoluto mais alto ou mais baixo - e de fato devemos dizer que, embora seja possível proceder ao infinito na direção acima de nossas cabeças de onde quer que tomemos nossa posição, o ponto mais alto absoluto nunca aparecerá para nós - nem ainda pode aquilo que passa abaixo do ponto de pensamento do infinito ser ao mesmo tempo para cima e para baixo em referência à mesma coisa: pois é impossível pensar isso.

De modo que é possível considerar como um único movimento o que se pensa ser o movimento ascendente ao infinito e como outro o movimento descendente, ainda que o que passa de nós para as regiões acima das nossas cabeças chegue incontáveis vezes aos pés dos seres acima e o que passa de nós para baixo à cabeça dos seres abaixo; pois não obstante, todos os movimentos são pensados como opostos, um ao outro, ao infinito.

Além disso, os átomos devem mover-se com igual velocidade, quando são

levados adiante através do vazio, nada colidindo com eles. Pois nem o pesado se move mais rapidamente do que o pequeno e o leve, isto é, quando nada os encontra, nem o pequeno mais rapidamente do que o grande, tendo todo o seu curso uniforme, quando nada colide com eles, nem o movimento para cima ou para os lados é mais rápido devido a golpes, nem o movimento para baixo devido ao seu próprio peso.

Enquanto prevalecer uma das duas moções, o movimento terá um curso tão rápido quanto o pensamento, até que algo o controle de fora ou do seu próprio esforço, contrabalançando a força do que provocou o golpe. Além disso, a sua passagem pelo vazio, quando ocorre sem encontrar corpos que possam colidir, realiza todas as distâncias compreensíveis num espaço de tempo inconcebivelmente curto. Pois é a colisão e a sua ausência que tomam a aparência exterior de lentidão e rapidez.

Além disso, diz-se que, nos corpos compostos, também um átomo é mais rápido que outro, ainda que, de fato, todos sejam iguais em velocidade: isto é assim porque, mesmo no menor período de tempo contínuo, todos os átomos dos corpos agregados se deslocam para um lugar, ainda que nos momentos de tempo perceptíveis apenas pelo pensamento não se aproximem de um lugar, mas se empenhem constantemente uns contra os outros, até que a continuidade de seu movimento fique sob o efeito da sensação.

A adição de opinião a respeito do invisível, de que os momentos perceptíveis apenas pelo pensamento também conterão continuidade de movimento, não é verdadeira em tais casos; pois devemos lembrar que é o que observamos com os sentidos ou compreendemos com a mente por uma compreensão que é verdadeira.

Também não se deve supor que, em momentos perceptíveis apenas pelo pensamento, o corpo em movimento também passa para os vários lugares para onde se deslocam os seus átomos componentes (pois isso também é impensável e, nesse caso, quando chega tudo junto, num período de tempo razoável, de qualquer ponto que possa estar no vazio infinito, não estaria retirando-se do lugar de onde captamos); pois o movimento de todo o corpo será a expressão externa de suas colisões internas, ainda que, até os limites da

percepção, suponhamos que a velocidade de seu movimento não seja retardada pela colisão. É vantajoso captar também este primeiro princípio.

Em seguida, referindo-se sempre às sensações e aos sentimentos, pois assim se obterá o mais confiável terreno de crença, deve-se considerar que a alma é um corpo de finas partículas distribuídas por toda a estrutura, e mais parecido com o vento, com uma certa mistura de calor e, em alguns aspectos, semelhante a um deles e, em alguns, ao outro.

Há também a parte que é muitos graus mais avançada até mesmo do que estes em finura de composição, e por esta razão é mais capaz de se sentir em harmonia com o resto da estrutura. Agora tudo isso se manifesta pelas atividades da alma e pelos sentimentos e prontidão de seus movimentos e seus processos de pensamento e pelo que se perde no momento da morte.

Além disso, é preciso compreender que a alma possui a principal causa da sensação: no entanto, ela não poderia ter assimilado a sensação, a menos que estivesse de alguma forma confinada pelo resto da estrutura.

E esta, por sua vez, tendo dado à alma essa causa de sensação, adquire da alma também uma participação nessa capacidade contingencial. No entanto, não adquire todas as capacidades que a alma possui e, portanto, quando a alma é liberada do corpo, o corpo já não tem mais sensação.

E essa existência, devido à força consumada em si mesma pelo movimento, destinava-se espontaneamente a produzir para si a capacidade da sensação e a comunicá-la também ao corpo, em virtude de seu contato e correspondência de movimento, como já disse.

Por isso, enquanto a alma permanecer no corpo, ainda que se perca outra parte do corpo, jamais perderá a sensação; e ainda mais, quaisquer que sejam as partes da alma que a possam perecer, quando o que a envolveu é retirado, no todo ou em parte, se a alma continuar a existir, ela conservará a sensação. Por outro lado, o resto da estrutura, ainda que continue a existir, no todo ou em parte, não retém a sensação, se uma vez perder a soma dos átomos, por menor que seja, que juntos vão produzir a natureza da alma.

Além disso, se toda a estrutura se dissolver, a alma se dispersa e já não tem os mesmos poderes nem realiza os seus movimentos, de modo que também não possui sensações.

Pois é impossível imaginá-la com sensação, se ela não estiver neste organismo e não puder efetuar esses movimentos, quando o que a encerra e a envolve já não é mais o mesmo que o ambiente em que ela existe e realiza esses movimentos. Além disso, devemos também compreender claramente que o incorpóreo na aceitação geral do termo se aplica ao que se pode pensar como tal, como uma existência independente. Ora, não é possível conceber o incorpóreo como uma existência separada, a não ser o vazio; e o vazio não pode agir nem ser agido, mas apenas proporciona aos corpos uma oportunidade de movimento através de si mesmo.

De modo que aqueles que dizem que a alma é incorpórea estão falando levianamente. Pois ela não poderia agir ou ser agida em nenhum aspecto, se fosse desta natureza. Mas, assim sendo, ambos os acontecimentos se distinguem claramente em relação à alma.

Agora, se alguém remete todos esses raciocínios sobre a alma para os padrões do sentimento e da sensação e se lembra do que foi dito no início, ele perceberá que são suficientemente acolhidos nessas fórmulas gerais para permitir-lhe trabalhar com certeza sobre essa base também os detalhes do sistema.

Além disso, no que diz respeito à forma, à cor, à dimensão, ao tamanho, ao peso e a todas as outras coisas do corpo, como se fossem propriedades concomitantes de todas as coisas ou das coisas visíveis ou reconhecíveis pela sensação dessas qualidades, não devemos supor que elas sejam uma existência independente (pois é impossível imaginar isso), nem que não existam absolutamente, nem que sejam uma outra espécie de existência imaterial, nem que sejam partes materiais do corpo: antes devemos supor que o corpo inteiro em sua totalidade deve sua própria existência permanente a todos estes, mas não no sentido de que é composto de propriedades agrupadas para formar (como quando, por exemplo, uma estrutura maior é formada a partir das partes que a compõem, sejam as primeiras unidades de tamanho ou

outras partes menores que ela, seja ela qual for), mas apenas, como eu digo, que ela deve sua própria existência permanente a todos eles.

Todas essas propriedades têm seus próprios meios peculiares de serem percebidas e distinguidas, desde que sempre que o organismo agregado vá junto com elas e nunca seja despojado delas, mas em virtude da sua compreensão como um agregado de qualidades adquire o predicado do corpo.

Além disso, muitas vezes acontecem aos corpos e, no entanto, não os acompanham permanentemente a acasos, dos quais não devemos supor que eles não existam nem tenham a natureza de um corpo inteiro, nem que possam ser classificados entre coisas invisíveis nem como incorpóreas.

Para que, quando, de acordo com o uso mais geral, empregamos esse nome, deixemos claro que os acasos não têm nem a natureza do todo, que compreendemos no seu corpo agregado, nem a das qualidades que o acompanham permanentemente, sem as quais um determinado corpo não pode ser concebido.

Mas, como resultado de certos atos de compreensão, desde que o conjunto do corpo os acompanhe, a cada um deles poderá ser dado esse nome, mas apenas nas ocasiões em que se veja que cada um deles ocorre, já que os acasos não são acompanhamentos permanentes.

E não devemos banir essa visão clara do âmbito da existência, porque ela não possui a natureza do todo ao qual está ligada nem a dos acompanhamentos permanentes, nem devemos supor que tais contingências existam independentemente (pois isso é inconcebível tanto no que diz respeito a elas como às propriedades permanentes), mas, assim como aparece na sensação, devemos pensar em todos eles como acidentes que ocorrem aos corpos, e que não são acompanhamentos permanentes, ou ainda como tendo em si mesmos um lugar nas fileiras da existência material; Pelo contrário, eles são vistos como sendo exatamente o que nossa sensação real mostra ser.

Além disso, você deve compreender claramente este ponto também; não devemos procurar tempo, como fazemos para todas as outras coisas que buscamos em um objeto, remetendo-as para as concepções gerais que

percebemos em nossas próprias mentes, mas devemos tomar a intuição direta, de acordo com a qual falamos de "muito tempo" ou "pouco tempo", e examiná-la, aplicando nossa intuição ao tempo como fazemos para outras coisas.

Também não devemos procurar termos que possam ser melhores, mas empregar apenas aqueles que são de uso comum.

Tampouco devemos afirmar de novo que algo mais tem a mesma natureza essencial que esta percepção especial, como algumas pessoas fazem, mas devemos voltar nossos pensamentos particularmente para aquele único com o qual associamos esta percepção peculiar e pelo qual a medimos. Com efeito, isto não requer nenhuma prova, mas apenas reflexão, para demonstrar que é com os dias e as noites e as suas divisões que a associamos e também com sentimentos internos ou ausência de sentimento, e com movimentos e estados de descanso; em conexão com estes últimos, pensamos nesta mesma percepção como **um tipo peculiar de acidente, e em virtude disto chamamos-lhe tempo.**

E, além do que já dissemos, devemos acreditar que os mundos, e de fato todos os corpos compostos limitados que continuamente exibem uma aparência semelhante às coisas que vemos, foram criados do infinito, e que todas essas coisas, maiores e menos semelhantes, foram separadas das aglomerações individuais de matéria; e que todos voltarão a ser dissolvidas, algumas mais rapidamente, outras mais lentamente, algumas sofrendo de um conjunto de causas, outras de outro. Além disso, devemos crer que esses mundos não foram criados todos por necessidade, com uma única configuração, nem ainda com todo tipo de forma.

Além disso, devemos acreditar que em todos os mundos há criaturas e plantas vivas e outras coisas que vemos neste mundo, pois ninguém poderia provar que em um mundo de um tipo poderiam ou não ter sido incluídos os tipos de sementes das quais os seres vivos e plantas e todo o resto das coisas que vemos são compostos, e que em um mundo de outro tipo eles não poderiam ter sido.

Mais ainda, devemos supor que a natureza humana também foi ensinada e obrigada a fazer muitas coisas de todo tipo apenas por circunstâncias; e que mais tarde o raciocínio elaborou o que foi proposto pela natureza e fez outras invenções, em alguns assuntos rapidamente, em outros lentamente, em alguns tempos e épocas fazendo grandes avanços, e novamente em outros menos. E assim também os nomes não foram, a princípio, dados deliberadamente às coisas, mas a natureza do homem, de acordo com suas diferentes nacionalidades, teve seus próprios sentimentos peculiares e obteve suas impressões peculiares, e assim cada um, à sua maneira, emitiu ar formado por cada um desses sentimentos e impressões, de acordo com as diferenças feitas nas diversas nações também pelos lugares de sua residência.

E mais tarde, por comum acordo em cada nacionalidade, nomes especiais foram deliberadamente dados, a fim de tornar os seus significados menos ambíguos uns para os outros e mais rapidamente demonstrados. E, por vezes, as pessoas que os conheciam traziam para si coisas até então desconhecidas e lhes introduziam sons, sendo em algumas ocasiões naturalmente obrigadas a pronunciá-los, e em outras a escolhê-los pela razão de acordo com o modo predominante de formação, tornando assim claro o seu significado.

Ademais, os movimentos dos corpos celestes e suas voltas, eclipses, ascensões e descidas, e fenômenos semelhantes a estes, não devem ser considerados como sendo devidos a qualquer ser que controle e ordene ou tenha ordenado e, ao mesmo tempo, goze de felicidade perfeita junto com a imortalidade (pois problemas e cautelas, raiva e bondade não são coerentes com uma vida de bem-aventurança, mas essas coisas ocorrem quando há fraqueza e medo e dependência de vizinhos).

Nem mais uma vez devemos acreditar que eles, que são apenas fogo aglomerado em uma massa, possuem santidade e voluntariamente tomam sobre si esses movimentos.

Mas devemos preservar seu pleno significado majestoso em todas as expressões que aplicamos a tais concepções, a fim de que não possam surgir delas opiniões contrárias a essa noção de grandeza. Caso contrário, essa mesma contradição causará a maior perturbação nas almas humanas.

Portanto, devemos acreditar que é devido à inclusão original da matéria em tais aglomerações durante o processo de nascimento do mundo que esta lei de sucessão regular também é implementada.

Além disso, devemos acreditar que descobrir com exatidão a causa dos fatos mais essenciais é a função da ciência da natureza, e que a santidade para nós no conhecimento dos fenômenos celestes reside nisso e na compreensão da natureza das existências vistas nesses fenômenos celestes, e de tudo o mais que se assemelha ao conhecimento exato necessário para nossa felicidade: saber também que o que ocorre de várias maneiras ou é capaz de ser diferente não tem lugar aqui mas que nada que sugere dúvida ou alarme pode ser incluído no que é naturalmente imortal e abençoado.

Agora, podemos averiguar por nossa mente que este é absolutamente o caso.

Mas o que está dentro da investigação de ascensões e ocasos e voltas e eclipses, e tudo o que é semelhante a isso, não é mais de qualquer valor para a felicidade que o conhecimento traz, mas as pessoas que perceberam tudo isso, mas ainda não sabem qual é a natureza dessas coisas e quais são as causas essenciais, ainda estão com medo, exatamente como se não conhecessem essas coisas de forma alguma: realmente, seu medo pode ser ainda maior, pois a surpresa que surge da observação dessas coisas não pode descobrir qualquer solução ou compreender a regulação dos elementos essenciais. E por esta mesma razão, mesmo que descubramos várias causas para voltas e ocasos e ascensões e eclipses e afins, como já foi o caso em nossa investigação de detalhes, não devemos supor que nossa investigação sobre estas coisas não tenha alcançado precisão suficiente para contribuir para nossa paz de espírito e felicidade.

Portanto, devemos considerar cuidadosamente de quantas maneiras um fenômeno semelhante é produzido na Terra, quando raciocinamos sobre as causas dos fenômenos celestes e tudo o que é imperceptível aos sentidos; e devemos desprezar as pessoas que não reconhecem nem o que existe nem o que nasce de uma só maneira, ou o que pode ocorrer de várias maneiras no caso de coisas que só podem ser vistas por nós de longe, e ainda não sabem que nessas condições é impossível ter paz de espírito. Se, portanto,

pensarmos que um fenômeno provavelmente ocorre de alguma forma particular, e que nas circunstâncias em que é igualmente possível para nós estarmos em paz, quando percebermos que isso pode ocorrer de várias maneiras, ficaremos tão pouco perturbados como se soubéssemos que ele ocorre de alguma forma particular.

E, além de todas essas questões em geral, devemos compreender que a principal perturbação nas mentes dos homens surge porque eles pensam que esses corpos celestes são sagrados e imortais, e ainda têm vontades, atos e motivos incompatíveis com esses atributos; e porque eles estão sempre esperando ou imaginando alguma desgraça eterna, como é descrita nas lendas, ou mesmo temendo a perda do sentimento na morte como se isso lhes dissesse respeito; e, novamente, porque eles são trazidos a este desfiladeiro não por opinião fundamentada, mas sim por algum pressentimento irracional, e, portanto, como eles não conhecem os limites da dor, eles sofrem uma perturbação igualmente grande ou mesmo mais extensa do que se eles tivessem alcançado esta crença por opinião.

Mas a paz de espírito é liberdade de tudo isso, e ter uma constante lembrança dos princípios gerais e mais essenciais.

Por isso, devemos prestar atenção aos sentimentos internos e às sensações externas em geral e em particular, de acordo com o assunto, se geral ou particular, e a cada intuição imediata de acordo com cada um dos padrões de julgamento.

Pois, se prestarmos atenção a estes, iremos justamente traçar as causas de onde surgiram nossa perturbação mental e medo, e, aprendendo as verdadeiras causas dos fenômenos celestes e todas as outras ocorrências que ocorrem de tempos em tempos, iremos nos libertar de tudo o que produz o maior medo em outros homens.

Aqui, Heródoto, está meu tratado sobre os principais pontos relativos à natureza dos princípios gerais, abreviado de modo que meu relato seja fácil de entender com exatidão.

Penso que, mesmo que não fosse possível proceder a todos os detalhes do

sistema, obter-se-ia assim uma força inigualável em comparação com os outros homens.

Com efeito, irá esclarecer por si próprio muitos dos pontos pormenorizados com referência ao nosso sistema geral, e esses mesmos princípios, se os armazenar no seu espírito, ajudá-lo-ão constantemente.

Pois tal é o seu caráter que mesmo aqueles que estão atualmente empenhados em elaborar os detalhes em um grau considerável, ou mesmo completamente, serão capazes de realizar a maior parte de suas investigações sobre a natureza do todo, realizando sua análise em referência a uma pesquisa como esta. E quanto a todos aqueles que não estão plenamente entre os que estão a caminho de serem aperfeiçoados, alguns deles podem, deste resumo, obter uma visão apressada das questões mais importantes, sem instrução oral, de modo a assegurar a paz de espírito.

Carta a Pítocles, Sobre astronomia

Cleon me trouxe sua carta, na qual você continua a me mostrar um afeto digno da amizade que tenho por você. Você dedica todo o seu cuidado, você me diz, a gravar em sua memória aquelas ideias que contribuem para a felicidade da vida. Ao mesmo tempo, pede-me que lhe envie um esboço simples de minhas reflexões sobre astronomia, para que possa recordá-las sem dificuldade. Pois você diz que o que escrevi sobre este assunto em meus outros trabalhos é difícil de memorizar, mesmo com o estudo contínuo.

Recebi a sua encomenda e estou cheio de agradáveis expectativas. Em seguida, completaremos a nossa escrita e dar-lhe-emos tudo o que nos pede. Muitos outros, além de você, acharão estes raciocínios úteis, especialmente aqueles que recentemente se familiarizaram com a verdadeira história da natureza e aqueles que estão apegados a atividades que vão além de qualquer parte da educação comum. Por isso, é bom que você as tome e as aprenda e as ponha de pé rapidamente, juntamente com o breve resumo da minha carta a Heródoto.

Em primeiro lugar, lembre-se de que, como tudo o mais, o conhecimento dos fenômenos celestiais, seja em conjunto com outras coisas ou isoladamente, não tem outro fim em vista que a paz de espírito e a firme convicção². Não procuramos arrancar pela força o impossível, nem compreender todas as coisas igualmente bem, nem fazer nosso comportamento sempre tão claro como quando discutimos a vida humana ou explicamos os princípios da física em geral - por exemplo, que a totalidade do ser consiste em corpos e natureza imaterial, ou que os elementos últimos das coisas são indivisíveis, ou qualquer outra proposição que admita que apenas uma explicação dos fenômenos é possível. Mas não é o caso dos fenômenos celestiais: estes, em todo caso, admitem causas múltiplas para sua ocorrência e relatos múltiplos, nenhum deles conflitante com a sensação, com a sua natureza.

Pois no estudo da natureza não devemos nos conformar com suposições

vazias e leis arbitrárias, mas sim seguir os sinais dos fatos;

Pois a nossa vida não tem nenhuma necessidade de irracionalidade e opinião falsa; a nossa única necessidade é uma existência imperturbável. Tudo continua ininterruptamente, se tudo for explicado pelo método da pluralidade de causas em conformidade com os fatos, assim que compreendermos devidamente o que pode ser alegado a respeito deles. Mas quando selecionamos e escolhemos entre eles, rejeitando um igualmente consistente com o fenômeno, claramente nos afastamos do estudo da natureza e caímos no mito. Alguns fenômenos dentro de nossa experiência nos dão evidências pelas quais podemos interpretar o que se passa nos céus. Vemos como os primeiros realmente acontecem, mas não como os fenômenos celestes acontecem, pois sua ocorrência pode ser devida a uma variedade de causas.

No entanto, devemos observar cada fato como apresentado, e ainda separar dele todos os fatos apresentados junto, cuja incidência de várias causas não é contrariada por fatos de nossa experiência. Um mundo é uma porção circunscrita do Universo, que contém estrelas, terra e todas as outras coisas visíveis, cortadas do infinito, e terminada [e terminada num perímetro que pode ser espesso ou tênue, um perímetro cuja dissolução irá causar a destruição de tudo dentro dele] num exterior que pode girar ou estar em repouso, ser redondo ou triangular ou de qualquer outra forma. Todas essas alternativas são possíveis: elas não são contraditas por nenhum dos fatos deste mundo, no qual uma extremidade não pode ser discernida.

Que há um número infinito de tais mundos e que esse mundo pode surgir num mundo ou num dos *intermundos* (termo pelo qual nos referimos aos espaços entre mundos) num espaço toleravelmente vazio e não, como alguns afirmam, num vasto espaço perfeitamente claro e vazio. Ele surge quando certas sementes apropriadas se precipitam de um único mundo ou *intermundo*, ou de vários, e sofrem adições ou articulações graduais ou mudanças de lugar, e, pode ser, irrigação de fontes apropriadas, até que estejam maduros e firmemente estabelecidos na medida em que os fundamentos lançados possam recebê-los. Porque não basta que haja uma agregação ou um vórtice no espaço vazio no qual um mundo pode surgir, como os *necessitários*³ sustentam, e pode crescer até colidir com outro, como

diz um dos chamados físicos. Pois isso está em conflito com os fatos.

"O sol, a lua e as estrelas geralmente não eram de origem independente e mais tarde absorvidos no nosso mundo, [partes, pelo menos, servem para a sua defesa]; mas logo começaram a tomar forma e a crescer [assim como a terra e o mar] devido aos acréscimos e movimentos giratórios de certas substâncias de textura mais fina, da natureza do vento ou do fogo, ou de ambos; pois o próprio sentido sugere isso.

O tamanho do sol e das estrelas remanescentes relativamente a nós é tão grande quanto parece⁴. Mas em si mesma e na verdade pode ser um pouco maior ou um pouco menor, ou precisamente tão grande quanto se vê. Assim também os fogos dos quais temos experiência são vistos pelo sentido quando os vemos à distância. E todas as objeções contra esta parte da teoria serão facilmente encontradas por qualquer um que atenda a fatos claros, como mostro em meu trabalho Sobre a Natureza.

E o nascer e pôr do sol, da lua e das estrelas pode ser devido ao acender e apagar, desde que as circunstâncias sejam tais que produzam este resultado em cada uma das duas regiões, leste e oeste; pois nenhum fato testemunha contra isto. Ou o resultado pode ser produzido pela sua vinda à superfície da terra e novamente pela sua interferência para os esconder: pois nenhum fato testemunha contra isso também. E as suas movimentações podem ser devidas à rotação de todo o céu, ou o céu pode estar em repouso, e só elas giram de acordo com algum impulso necessário para se levantarem, implantado inicialmente quando o mundo foi feito... e isto através de calor excessivo, devido a uma certa extensão do fogo que sempre se apodera do que está perto dele⁵.

De novo, elas podem ser igualmente devidas à pressão contrária do ar ou ao fato de que, de tempos em tempos, o combustível necessário tenha sido consumido na vizinhança ou haja escassez dele. Ou até mesmo porque tal movimento giratório foi da primeira parte inerente a essas estrelas, de modo que elas se movem em uma espécie de espiral. Pois todas essas explicações e coisas do gênero não entram em conflito com nenhuma evidência clara, ainda que apenas em tais detalhes nos apeguemos ao que é possível, e possamos

trazer cada uma dessas explicações de acordo com os fatos, inalterados pelos artifícios servis dos astrônomos.

O crescer e minguar da lua (fases) também podem ter várias causas. Elas podem surgir de alguma mudança na forma como a luz da lua é gerada, ou porque outro corpo se encontra entre a terra e a lua, ou por outras razões semelhantes aos fenômenos que podemos observar aqui na Terra. **O importante é lembrar que não se pode ser obstinado e adotar, sem provas suficientes, uma teoria única e exclusiva para a causa.** Também aqui, quando os fatos são insuficientes para que possamos chegar a uma conclusão final, **devemos sempre nos precaver para não nos lançarmos em especulações intermináveis.**

É possível que a lua tenha uma luz própria, ou que ela reflita a luz do sol. Vemos aqui na Terra muitos exemplos de objetos que são luminosos e muitos outros que apenas refletem a luz. Nenhum desses fenômenos celestiais nos causará alarme, desde que sempre nos recordemos de que muitas explicações são possíveis. É essencial que sempre façamos nossas investigações com essa abordagem em mente, e que não tomemos nossas decisões de outra forma. Caso contrário, seremos insensatamente conduzidos às fantasias, mergulhando continuamente em uma teoria não comprovável após outra.

O mesmo vale para a aparência do que parece ser um rosto no círculo da lua. Esse rosto pode aparecer por causa da forma da lua, ou porque algo obscurece nossa visão, ou por outras razões que podem ser capazes de explicar tal aparência. Devemos aplicar aqui o mesmo método que fazemos com todos os fenômenos celestiais. **No momento em que nos deixamos levar por uma teoria que contradiz a evidência dos sentidos, encontraremos a impossibilidade de possuir a perfeita tranquilidade e felicidade.**

Ao examinarmos os eclipses do sol e da lua, devemos comparar as diferentes teorias, e lembrar que é possível que muitas causas possam ao mesmo tempo concorrer em sua produção. A marcha regular e periódica desses eclipses não tem nada neles que nos deva surpreender, se apenas prestarmos atenção aos fenômenos semelhantes que ocorrem aqui na Terra, diante dos nossos

próprios olhos. Acima de tudo, cuidado com a ideia de que um deus causa essas coisas, pois devemos reconhecer que os deuses estão dispensados de qualquer trabalho e perfeitamente felizes. Se não tivermos isso em mente, juntar-nos-emos à multidão de homens que correm para abraçar explicações vãs. Tais homens, que não são capazes de reconhecer o que é realmente possível, caem em teorias vãs quando concluem que todos os fenômenos têm apenas uma única causa, e quando rejeitam todas as outras explicações que são igualmente prováveis. Esses homens adotam a mais irracional das opiniões, porque não dão prioridade aos fatos observáveis, que devem sempre ser consultados primeiro.

As diferenças na duração das noites e dos dias podem surgir do fato de que a passagem do sol sobre a terra é mais ou menos rápida, de acordo com a extensão da região pela qual ele tem que passar, ou por alguma outra causa semelhante ao que vemos aqui na terra. Aqueles que dizem que apenas uma explicação para isso é possível se colocam em oposição aos fatos e perdem de vista os limites estabelecidos para o conhecimento humano. E depois há aqueles que procuram predizer o futuro a partir das estrelas. Tais predições, que se tornam realidade, como as que alguns obtêm dos animais, surgem apenas por coincidência. Estas podem acontecer, por exemplo, porque há alguma mudança no ar, ou de qualquer outra causa que podemos encontrar evidências para apoiar.

Questões como relâmpagos e raios podem ser produzidos por uma condensação violenta dos ventos, ou pelo seu rápido movimento e conflagrações. Pode-se dar uma série de explicações para essas coisas, mas devemos, acima de tudo, estar em guarda contra fábulas. Isso podemos fazer facilmente se seguirmos fielmente o método que estabelecemos. Ao procurar explicar aquelas coisas que não somos capazes de observar diretamente, devemos sempre compará-las com aquelas que somos, de fato, capazes de observar diretamente, e devemos aceitar como possível apenas aquelas teorias que são apoiadas por evidências de ambas.

Furacões, terremotos, vento, granizo, neve, geada, congelamento, arco-íris, o halo ao redor da lua, cometas, e as rotações regulares de algumas estrelas - tudo isso pode ser explicado de várias maneiras se raciocinarmos de acordo

com fatos observáveis. Atribuir uma única causa a todos estes fenômenos, quando a experiência dos nossos sentidos sugere várias causas, é uma loucura. Tal raciocínio é adequado apenas para os astrólogos ignorantes, que cobiçam um conhecimento vago. Esses homens atribuem causas imaginárias aos fatos, porque desejam deixar o cuidado e o governo do universo inteiramente aos deuses. A designação de uma explicação uniforme e positiva para todas essas questões é tola e consistente apenas com o desejo de brilhar prodigiosamente aos olhos da multidão.

O mesmo se aplica àqueles que procuram fazer previsões através da observação de certos animais. Tais previsões, que acontecem por acaso, ocorrem por acaso, pois não há conexão necessária entre certos animais e o inverno. Esses animais não produzem o inverno, nem há nenhum deus sentado no céu, observando as saídas desses animais, e então causando a chegada do inverno. Uma loucura como esta não ocorreria a nenhum ser que estivesse moderadamente confortável, muito menos a um deus que estivesse possuído de perfeita felicidade.

Escreva todos estes preceitos na sua memória, Pítocles. Se você fizer isso, você vai facilmente escapar das fábulas, e você vai descobrir muitas outras verdades semelhantes a estas. Acima de tudo, dedique-se ao estudo dos princípios gerais da Natureza, ao infinito e a questões semelhantes. Estude de perto o uso da evidência que vem dos sentidos, e das antecipações, e dos sentimentos de prazer e dor. Aplique-se a estes, tendo sempre em mente o objetivo da vida feliz, para que possamos prosseguir todas as nossas pesquisas.

Uma vez que você resolver estes assuntos gerais em sua mente, seguindo o exemplo que eu dei, as respostas às suas perguntas particulares eventualmente se tornarão claras para você. Quanto aos homens que não se aplicarem a este estudo, jamais encontrarão a verdade, nem atingirão o objetivo de uma vida feliz, para o qual toda a nossa pesquisa nos dirige.

Carta a Meneceu, Sobre a Felicidade

Saudações de Epicuro a Meneceu

Que ninguém se demore a buscar a sabedoria quando for jovem, nem se canse na busca dela quando envelhecer. Pois nenhuma idade é muito cedo ou muito tarde para a saúde da alma. E dizer que o tempo para estudar filosofia ainda não chegou, ou que já passou e se foi, é como dizer que o tempo para a felicidade ainda não chegou ou que já não chegará mais. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer por meio da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir. Portanto, devemos exercitar-nos nas coisas que trazem felicidade, pois, se isso está presente, temos tudo e, se isso não está presente, todas as nossas ações estão orientadas a alcançá-la.

Faça e pratique, então, as coisas que sempre lhe recomendei, mantendo-as como a escadaria para uma vida bela.

Primeiro, acredite que Deus é um ser abençoado, imortal, como é comumente considerado. Não atribua a Deus nada que seja inconsistente com a imortalidade e bem-aventurança; em vez disso, acredite em Deus tudo o que possa apoiar a imortalidade e a bem-aventurança. Pois os deuses existem: nosso conhecimento deles é claro. No entanto, eles não são tais como a maioria das pessoas acreditam; na verdade, a maioria das pessoas não são sequer consistentes no que elas acreditam. Não é impróprio negar os deuses em que a maioria das pessoas acreditam, mas atribuir aos deuses o que a maioria das pessoas acredita. As coisas que a maioria das pessoas dizem sobre os deuses são baseadas em falsas suposições, não em um firme entendimento dos fatos, porque eles dizem que os maiores bens e os maiores danos vêm dos deuses. Pois já que estão familiarizados com o que há de

melhor em si mesmos, eles aceitam o que é semelhante e consideram estranho o que é diferente.

Acostume-se a acreditar que a morte não é nada para nós, pois o bem e o mal implicam consciência, e a morte é a privação de toda a consciência; portanto, uma compreensão correta de que a morte não é nada para nós torna a mortalidade da vida agradável, não acrescentando à vida um tempo ilimitado, mas tirando o desejo de imortalidade. Porque a vida não assusta; aqueles que apreendem profundamente que não há nenhum terror em deixar de viver. Tolo, portanto, é a pessoa que diz que teme a morte, não porque ela vai doer quando vier, mas porque dói na expectativa. O que não causa aborrecimento quando está presente, causa apenas uma dor sem fundamento na expectativa. A morte, portanto, o mais terrível dos males, não é nada para nós, visto que, quando somos, a morte não vem, e, quando a morte vem, nós não somos. Não é nada, então, nem para os vivos nem para os mortos, pois com os vivos não existe e com os mortos não existe mais. Mas no mundo, em um momento as pessoas evitam a morte como o maior de todos os males, e em outro momento a escolhem como um alívio dos males da vida.

O sábio não deprecia a vida nem teme a cessação da vida. O conceito de vida não é nenhuma ofensa para ele, nem a cessação da vida é considerada como um mal. E assim como as pessoas escolhem a comida não apenas e simplesmente pela porção maior, mas pela mais agradável, assim também os sábios procuram desfrutar do tempo que é mais agradável e não meramente o que é mais longo. E aquele que aconselha o jovem a viver bem e o velho a fazer um bom fim, fala insensatamente, não apenas por causa da conveniência da vida, mas porque o mesmo exercício ao mesmo tempo ensina a viver bem e a morrer bem. Muito pior é aquele que diz que seria bom não nascer, mas uma vez que se nasce deve passar com toda velocidade pelos portões do Hades⁶. Pois se ele realmente acredita nisso, por que ele não se afasta da vida? Era fácil para ele fazer isso, se ele estivesse fortemente convencido. Se ele fala apenas em zombaria, suas palavras são tolices, pois aqueles que ouvem não acreditam nelas.

Devemos lembrar que o futuro não é totalmente nosso nem totalmente impedido a nós, de modo que não devemos contar tão certamente com ele,

nem nos desesperar tanto temendo que não venha.

Devemos também refletir que, dos desejos, alguns são naturais, outros são inúteis ou vãos⁷; há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. Aquele que tem uma compreensão clara e certa dessas coisas orientará cada preferência e recusa para assegurar a saúde do corpo e a tranquilidade da alma, vendo que essa é a essência e o objetivo de uma vida feliz. Porque o fim de todas as nossas ações é ser livre da dor e do medo, e, uma vez alcançado tudo isso, a tempestade da alma é assentada; visto que o ser vivo não tem necessidade de ir em busca de algo que está faltando, nem de olhar qualquer outra coisa pela qual o bem da alma e do corpo se realizará.

Quando nos falta o prazer, então, e só então, sentimos a necessidade do prazer. Por isso chamamos o prazer de alfa e ômega de uma vida feliz. O prazer é o nosso primeiro e parente bem. É o ponto de partida de cada escolha e de cada aversão, e a ele voltamos, na medida em que fazemos sentir a regra pela qual julgar cada coisa boa. E como o prazer é o nosso primeiro e nativo bem, por essa razão não escolhemos todos os prazeres, mas muitas vezes ignoramos muitos prazeres quando deles resulta um maior aborrecimento. E muitas vezes consideramos as dores superiores aos prazeres quando a submissão às dores por muito tempo nos traz como consequência um prazer maior.

Embora, portanto, todo prazer por ser naturalmente semelhante a nós seja bom, nem todo prazer é digno de escolha, assim como toda dor é um mal e nem toda dor deve ser evitada. É, no entanto, ao compararmos uns com os outros, e ao olharmos para as conveniências e inconveniências, que todas estas questões devem ser julgadas. Às vezes, tratamos o bem como um mal, e o mal, pelo contrário, como um bem. Mais uma vez, consideramos a independência das coisas exteriores como um grande bem, não para que em todos os casos usemos pouco, mas para que nos contentemos com pouco se não tivermos muito, sendo honestamente persuadidos de que eles têm o mais doce gozo da luxúria que menos precisam dela, e que o que é natural é facilmente obtido e apenas o vão e inútil difícil de ganhar. Uma refeição

simples dá tanto prazer quanto uma dieta requintada, desde que a dor da necessidade seja removida: assim, pão e água conferem o maior prazer possível quando são levados aos lábios famintos.

Habituar a própria pessoa, portanto, a uma dieta simples e barata fornece tudo o que é necessário para a saúde, e permite que uma pessoa satisfaça os requisitos necessários da vida sem recuo e isso nos coloca em uma condição melhor quando nos achegamos ocasionalmente a uma refeição sofisticada e nos torna mais destemidos diante das vicissitudes da Fortuna.

Quando dizemos, então, que o prazer é o fim e o objetivo, não nos referimos aos prazeres do pródigo ou aos gozos da sensualidade, como alguns nos entendem por ignorância, preconceito ou falsidade intencional. Por prazer entendemos a ausência de dor no corpo e de problemas na alma. Não se trata de uma sucessão ininterrupta de bebedeiras e folias, nem de ato sexual, nem de prazeres de mesa requintada, que produzem uma vida agradável; é raciocínio sóbrio, buscando os fundamentos de toda escolha e abstenção, e banindo aquelas crenças pelas quais as maiores perturbações tomam posse da alma. De tudo isso o mais importante é a prudência. Por isso a prudência é uma coisa mais preciosa do que as outras virtudes, pois uma vida de prazer que não é também uma vida de prudência, honra e justiça, nem uma vida de prudência, honra e justiça, que não é também uma vida de prazer. Porque as virtudes cresceram em uma só com uma vida feliz, e a felicidade é inseparável delas.

Quem, então, é superior em seu julgamento a tal pessoa? Ele tem uma santa crença a respeito dos deuses, e está completamente livre do medo da morte. Ele considerou diligentemente o fim estabelecido pela natureza, e compreende quão facilmente o limite das coisas boas pode ser alcançado e conseguido, e como a duração ou a intensidade dos males é apenas tênue. A Fortuna que alguns colocam como soberana sobre todas as coisas, ele ri ao desprezar, afirmando antes que algumas coisas acontecem por necessidade, outras por acaso, outras através de nosso próprio arbítrio. Pois ele vê que a necessidade destrói a responsabilidade e que o acaso ou a fortuna é inconstante; ao passo que nossas próprias ações são livres, e é a elas que o louvor e a culpa se atribuem naturalmente.

Seria melhor, de fato, aceitar os mitos dos deuses do que curvar-se sob o destino que os filósofos naturalistas impuseram. O primeiro tem uma ténue esperança de que poderemos escapar se honrarmos os deuses, enquanto a necessidade inexorável dos naturalistas é surda a todas as súplicas.

Entendendo que a Fortuna não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita pois nos atos de um deus não há desordem; nem algo incerto, o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mau, em suma, que o que é bem julgado em ação não deva sua bem-sucedida causa à ajuda do acaso.

Medite e exercite-se nestes e noutros preceitos afins dia e noite, tanto por si mesmo como com aquele que é como você; então nunca, nem na vigília nem no sonho, você será perturbado, mas viverá como um deus entre os homens. Pois o homem perde toda a aparência de mortalidade ao viver bem entre imortais.

Principal Doctrines By Epicurus

Translated by Robert Drew Hicks

1. A happy and eternal being has no trouble himself and brings no trouble upon any other being; hence he is exempt from movements of anger and partiality, for every such movement implies weakness
2. Death is nothing to us; for the body, when it has been resolved into its elements, has no feeling, and that which has no feeling is nothing to us.
3. The magnitude of pleasure reaches its limit in the removal of all pain. When pleasure is present, so long as it is uninterrupted, there is no pain either of body or of mind or of both together.
4. Continuous pain does not last long in the body; on the contrary, pain, if extreme, is present a short time, and even that degree of pain which barely outweighs pleasure in the body does not last for many days together. Illnesses of long duration even permit of an excess of pleasure over pain in the body.
5. It is impossible to live a pleasant life without living wisely and well and justly, and it is impossible to live wisely and well and justly without living pleasantly. Whenever any one of these is lacking, when, for instance, the person is not able to live wisely, though he lives well and justly, it is impossible for him to live a pleasant life.
6. In order to obtain security from other people any means whatever of procuring this was a natural good.
7. Some people have sought to become famous and renowned, thinking that thus they would make themselves secure against their fellow-humans. If, then, the life of such persons really was secure, they attained natural good; if, however, it was insecure, they have not attained the end which by nature's

own prompting they originally sought.

8. No pleasure is in itself evil, but the things which produce certain pleasures entail annoyances many times greater than the pleasures themselves.

9. If all pleasure had been capable of accumulation, -- if this had gone on not only by recurrences in time, but all over the frame or, at any rate, over the principal parts of human nature, there would never have been any difference between one pleasure and another, as in fact there is.

10. If the objects which are productive of pleasures to profligate persons really freed them from fears of the mind, -- the fears, I mean, inspired by celestial and atmospheric phenomena, the fear of death, the fear of pain; if, further, they taught them to limit their desires, we should never have any fault to find with such persons, for they would then be filled with pleasures to overflowing on all sides and would be exempt from all pain, whether of body or mind, that is, from all evil.

11. If we had never been molested by alarms at celestial and atmospheric phenomena, nor by the misgiving that death somehow affects us, nor by neglect of the proper limits of pains and desires, we should have had no need to study natural science.

12. It would be impossible to banish fear on matters of the highest importance, if a person did not know the nature of the whole universe, but lived in dread of what the legends tell us. Hence without the study of nature there was no enjoyment of unmixed pleasures.

13. There would be no advantage in providing security against our fellow humans, so long as we were alarmed by occurrences over our heads or beneath the earth or in general by whatever happens in the boundless universe.

14. When tolerable security against our fellow humans is attained, then on a basis of power sufficient to afford supports and of material prosperity arises in most genuine form the security of a quiet private life withdrawn from the multitude.

15. Nature's wealth at once has its bounds and is easy to procure; but the wealth of vain fancies recedes to an infinite distance.

16. Fortune but seldom interferes with the wise person; his greatest and highest interests have been, are, and will be, directed by reason throughout the course of his life.

17. The just person enjoys the greatest peace of mind, while the unjust is full of the utmost disquietude.

18. Pleasure in the body admits no increase when once the pain of want has been removed; after that it only admits of variation. The limit of pleasure in the mind, however, is reached when we reflect on the things themselves and their congeners which cause the mind the greatest alarms.

19. Unlimited time and limited time afford an equal amount of pleasure, if we measure the limits of that pleasure by reason.

20. The body receives as unlimited the limits of pleasure; and to provide it requires unlimited time. But the mind, grasping in thought what the end and limit of the body is, and banishing the terrors of futurity, procures a complete and perfect life, and has no longer any need of unlimited time. Nevertheless it does not shun pleasure, and even in the hour of death, when ushered out of existence by circumstances, the mind does not lack enjoyment of the best life.

21. He who understands the limits of life knows how easy it is to procure enough to remove the pain of want and make the whole of life complete and perfect. Hence he has no longer any need of things which are not to be won save by labor and conflict.

22. We must take into account as the end all that really exists and all clear evidence of sense to which we refer our opinions; for otherwise everything will be full of uncertainty and confusion.

23. If you fight against all your sensations, you will have no standard to which to refer, and thus no means of judging even those judgments which you pronounce false.

24. If you reject absolutely any single sensation without stopping to discriminate with respect to that which awaits confirmation between matter of opinion and that which is already present, whether in sensation or in feelings or in any immediate perception of the mind, you will throw into confusion even the rest of your sensations by your groundless belief and so you will be rejecting the standard of truth altogether. If in your ideas based upon opinion you hastily affirm as true all that awaits confirmation as well as that which does not, you will not escape error, as you will be maintaining complete ambiguity whenever it is a case of judging between right and wrong opinion.

25. If you do not on every separate occasion refer each of your actions to the end prescribed by nature, but instead of this in the act of choice or avoidance swerve aside to some other end, your acts will not be consistent with your theories.

26. All such desires as lead to no pain when they remain ungratified are unnecessary, and the longing is easily got rid of, when the thing desired is difficult to procure or when the desires seem likely to produce harm.

27. Of all the means which are procured by wisdom to ensure happiness throughout the whole of life, by far the most important is the acquisition of friends.

28. The same conviction which inspires confidence that nothing we have to fear is eternal or even of long duration, also enables us to see that even in our limited conditions of life nothing enhances our security so much as friendship.

29. Of our desires some are natural and necessary others are natural, but not necessary; others, again, are neither natural nor necessary, but are due to illusory opinion.

30. Those natural desires which entail no pain when not gratified, though their objects are vehemently pursued, are also due to illusory opinion; and when they are not got rid of, it is not because of their own nature, but because of the person's illusory opinion.

31. Natural justice is a symbol or expression of usefulness, to prevent one person from harming or being harmed by another.

32. Those animals which are incapable of making covenants with one another, to the end that they may neither inflict nor suffer harm, are without either justice or injustice. And those tribes which either could not or would not form mutual covenants to the same end are in like case.

33. There never was an absolute justice, but only an agreement made in reciprocal association in whatever localities now and again from time to time, providing against the infliction or suffering of harm.

34. Injustice is not in itself an evil, but only in its consequence, viz. the terror which is excited by apprehension that those appointed to punish such offenses will discover the injustice.

35. It is impossible for the person who secretly violates any article of the social compact to feel confident that he will remain undiscovered, even if he has already escaped ten thousand times; for right on to the end of his life he is never sure he will not be detected.

36. Taken generally, justice is the same for all, to wit, something found useful in mutual association; but in its application to particular cases of locality or conditions of whatever kind, it varies under different circumstances.

37. Among the things accounted just by conventional law, whatever in the needs of mutual association is attested to be useful, is thereby stamped as just, whether or not it be the same for all; and in case any law is made and does not prove suitable to the usefulness of mutual association, then this is no longer just. And should the usefulness which is expressed by the law vary and only for a time correspond with the prior conception, nevertheless for the time being it was just, so long as we do not trouble ourselves about empty words, but look simply at the facts.

38. Where without any change in circumstances the conventional laws, when judged by their consequences, were seen not to correspond with the notion of justice, such laws were not really just; but wherever the laws have ceased to

be useful in consequence of a change in circumstances, in that case the laws were for the time being just when they were useful for the mutual association of the citizens, and subsequently ceased to be just when they ceased to be useful.

39. He who best knew how to meet fear of external foes made into one family all the creatures he could; and those he could not, he at any rate did not treat as aliens; and where he found even this impossible, he avoided all association, and, so far as was useful, kept them at a distance.

40. Those who were best able to provide themselves with the means of security against their neighbors, being thus in possession of the surest guarantee, passed the most agreeable life in each other's society; and their enjoyment of the fullest intimacy was such that, if one of them died before his time, the survivors did not mourn his death as if it called for sympathy.

Letter to Herodotus

Epicurus to Herodotus, greetings:

For those who are unable to study carefully all my physical writings or to go into the longer treatises at all, I have myself prepared an epitome of the whole system, Herodotus, to preserve in the memory enough of the principal doctrines, to the end that on every occasion they may be able to aid themselves on the most important points, so far as they take up the study of Physics. Those who have made some advance in the survey of the entire system ought to fix in their minds under the principal headings an elementary outline of the whole treatment of the subject. For a comprehensive view is often required, the details but seldom.

To the former, then—the main heads—we must continually return, and must memorize them so far as to get a valid conception of the facts, as well as the means of discovering all the details exactly when once the general outlines are rightly understood and remembered; since it is the privilege of the mature student to make a ready use of his conceptions by referring every one of them to elementary facts and simple terms. For it is impossible to gather up the results of continuous diligent study of the entirety of things, unless we can embrace in short formulas and hold in mind all that might have been accurately expressed even to the minutest detail.

Hence, since such a course is of service to all who take up natural science, I, who devote to the subject my continuous energy and reap the calm enjoyment of a life like this, have prepared for you just such an epitome and manual of the doctrines as a whole.

In the first place, Herodotus, you must understand what it is that words denote, in order that by reference to this we may be in a position to test opinions, inquiries, or problems, so that our proofs may not run on untested *ad infinitum*, nor the terms we use be empty of meaning. For the primary

signification of every term employed must be clearly seen, and ought to need no proving; this being necessary, if we are to have something to which the point at issue or the problem or the opinion before us can be referred.

Next, we must by all means stick to our sensations, that is, simply to the present impressions whether of the mind or of any criterion whatever, and similarly to our actual feelings, in order that we may have the means of determining that which needs confirmation and that which is obscure.

When this is clearly understood, it is time to consider generally things which are obscure. To begin with, nothing comes into being out of what is non-existent. For in that case anything would have arisen out of anything, standing as it would in no need of its proper germs. And if that which disappears had been destroyed and become non-existent, everything would have perished, that into which the things were dissolved being non-existent. Moreover, the sum total of things was always such as it is now, and such it will ever remain. For there is nothing into which it can change. For outside the sum of things there is nothing which could enter into it and bring about the change.

Further, the whole of being consists of bodies and space. For the existence of bodies is everywhere attested by sense itself, and it is upon sensation that reason must rely when it attempts to infer the unknown from the known. And if there were no space (which we call also void and place and intangible nature), bodies would have nothing in which to be and through which to move, as they are plainly seen to move. Beyond bodies and space there is nothing which by mental apprehension or on its analogy we can conceive to exist. When we speak of bodies and space, both are regarded as wholes or separate things, not as the properties or accidents of separate things.

Again, of bodies some are composite, others the elements of which these composite bodies are made. These elements are indivisible and unchangeable, and necessarily so, if things are not all to be destroyed and pass into non-existence, but are to be strong enough to endure when the composite bodies are broken up, because they possess, a solid nature and are incapable of being anywhere or anyhow dissolved. It follows that the first beginnings must be

indivisible, corporeal entities.

Again, the sum of things is infinite. For what is finite has an extremity, and the extremity of anything is discerned only by comparison with something else. Now the sum of things is not discerned by comparison with anything else: hence it has no extremity, it has no limit; and, since it has no limit, it must be unlimited or infinite.

Moreover, the sum of things is unlimited both by reason of the multitude of the atoms and the extent of the void. For if the void were infinite and bodies finite, the bodies would not have stayed anywhere but would have been dispersed in their course through the infinite void, not having any supports or counter-checks to send them back on their upward rebound. Again, if the void were finite, the infinity of bodies would not have anywhere to be.

Furthermore, the atoms, which have no void in them—out of which composite bodies arise and into which they are dissolved—vary indefinitely in their shapes; for so many varieties of things as we see could never have arisen out of a recurrence of a definite number of the same shapes. The like atoms of each shape are absolutely infinite; but the variety of shapes, though indefinitely large, is not absolutely infinite.

The atoms are in continual motion through all eternity. Some of them rebound to a considerable distance from each other, while others merely oscillate in one place when they chance to have got entangled or to be enclosed by a mass of other atoms shaped for entangling.

This is because each atom is separated from the rest by void, which is incapable of offering any resistance to the rebound; while it is the solidity of the atom which makes it rebound after a collision, however short the distance to which it rebounds, when it finds itself imprisoned in a mass of entangling atoms. Of all this there is no beginning, since both atoms and void exist from everlasting.

The repetition at such length of all that we are now recalling to mind furnishes an adequate outline for our conception of the nature of things.

Moreover, there is an infinite number of worlds, some like this world, others unlike it. For the atoms being infinite in number, as has just been proved, are borne ever further in their course. For the atoms out of which a world might arise, or by which a world might be formed, have not all been expended on one world or a finite number of worlds, whether like or unlike this one. Hence there will be nothing to hinder an infinity of worlds.

Again, there are outlines or films, which are of the same shape as solid bodies, but of a thinness far exceeding that of any object that we see. For it is not impossible that there should be found in the surrounding air combinations of this kind, materials adapted for expressing the hollowness and thinness of surfaces, and effluxes preserving the same relative position and motion which they had in the solid objects from which they come. To these films we give the name of “images” or “idols.” Furthermore, so long as nothing comes in the way to offer resistance, motion through the void accomplishes any imaginable distance in an inconceivably short time. For resistance encountered is the equivalent of slowness, its absence the equivalent of speed.

Not that, if we consider the minute times perceptible by reason alone, the moving body itself arrives at more than one place simultaneously (for this too is inconceivable), although in time perceptible to sense it does arrive simultaneously, however different the point of departure from that conceived by us. For if it changed its direction, that would be equivalent to its meeting with resistance, even if up to that point we allow nothing to impede the rate of its flight. This is an elementary fact which in itself is well worth bearing in mind. In the next place the exceeding thinness of the images is contradicted by none of the facts under our observation. Hence also their velocities are enormous, since they always find a void passage to fit them. Besides, their incessant effluence meets with no resistance or very little, although many atoms, not to say an unlimited number, do at once encounter resistance.

Besides this, remember that the production of the images is as quick as thought. For particles are continually streaming off from the surface of bodies, though no diminution of the bodies is observed, because other particles take their place. And those given off for a long time retain the

position and arrangement which their atoms had when they formed part of the solid bodies, although occasionally they are thrown into confusion, Sometimes such films are formed very rapidly in the air, because they need not have any solid content; and there are other modes in which they may be formed. For there is nothing in all this which is contradicted by sensation, if we in some sort look at the clear evidence of sense, to which we should also refer the continuity of particles in the objects external to ourselves.

We must also consider that it is by the entrance of something coming from external objects that we see their shapes and think of them. For external things would not stamp on us their own nature of color and form through the medium of the air which is between them and us or by means of rays of light or currents of any sort going from us to them, so well as by the entrance into our eyes or minds, to whichever their size is suitable, of certain films coming from the things themselves, these films or outlines being of the same color and shape as the external things themselves. They move with rapid motion; and this again explains why they present the appearance of the single continuous object, and retain the mutual interconnection which they had in the object, when they impinge upon the sense, such impact being due to the oscillation of the atoms in the interior of the solid object from which they come. And whatever presentation we derive by direct contact, whether it be with the mind or with the sense-organs, be it shape that is presented or other properties, this shape as presented is the shape of the solid thing, and it is due either to a close coherence of the image as a whole or to a mere remnant of its parts. Falsehood and error always depend upon the intrusion of opinion when a fact awaits confirmation or the absence of contradiction, which fact is afterwards frequently not confirmed or even contradicted following a certain movement in ourselves connected with, but distinct from, the mental picture presented—which is the cause of error.

For the presentations which, for example, are received in a picture or arise in dreams, or from any other form of apprehension by the mind or by the other criteria of truth, would never have resembled what we call the real and true things, had it not been for certain actual things of the kind with which we come in contact. Error would not have occurred, if we had not experienced some other movement in ourselves, conjoined with, but distinct from, the

perception of what is presented. And from this movement, if it be not confirmed or be contradicted, falsehood results; while, if it be confirmed or not contradicted, truth results.

And to this view we must closely adhere, if we are not to repudiate the criteria founded on the clear evidence of sense, nor again to throw all these things into confusion by maintaining falsehood as if it were truth.

Again, hearing takes place when a current passes from the object, whether person or thing, which emits voice or sound or noise, or produces the sensation of hearing in any way whatever. This current is broken up into homogeneous particles, which at the same time preserve a certain mutual connection and a distinctive unity extending to the object which emitted them, and thus, for the most part, cause the perception in that case or, if not, merely indicate the presence of the external object. For without the transmission from the object of a certain interconnection of the parts no such sensation could arise. Therefore we must not suppose that the air itself is molded into shape by the voice emitted or something similar; for it is very far from being the case that the air is acted upon by it in this way. The blow which is struck in us when we utter a sound causes such a displacement of the particles as serves to produce a current resembling breath, and this displacement gives rise to the sensation of hearing.

Again, we must believe that smelling, like hearing, would produce no sensation, were there not particles conveyed from the object which are of the proper sort for exciting the organ of smelling, some of one sort, some of another, some exciting it confusedly and strangely, others quietly and agreeably.

Moreover, we must hold that the atoms in fact possess none of the qualities belonging to things which come under our observation, except shape, weight, and size, and the properties necessarily conjoined with shape. For every quality changes, but the atoms do not change, since, when the composite bodies are dissolved, there must needs be a permanent something, solid and indissoluble, left behind, which makes change possible: not changes into or from the non-existent. but often through differences of arrangement, and

sometimes through additions and subtractions of the atoms. Hence these somethings capable of being diversely arranged must be indestructible, exempt from change, but possessed each of its own distinctive mass and configuration. This must remain.

For in the case of changes of configuration within our experience the figure is supposed to be inherent when other qualities are stripped of, but the qualities are not supposed, like the shape which is left behind, to inhere in the subject of change, but to vanish altogether from the body. Thus, then, what is left behind is sufficient to account for the differences in composite bodies, since something at least must necessarily be left remaining and be immune from annihilation.

Again, you should not suppose that the atoms have any and every size, lest you be contradicted by facts; but differences of size must be admitted; for this addition renders the facts of feeling and sensation easier of explanation. But to attribute any and every magnitude to the atoms does not help to explain the differences of quality in things; moreover, in that case atoms large enough to be seen ought to have reached us, which is never observed to occur; nor can we conceive how its occurrence should be possible, in other words that an atom should become visible.

Besides, you must not suppose that there are parts unlimited in number, be they ever so small, in any finite body. Hence not only must we reject as impossible subdivision ad infinitum into smaller and smaller parts, lest we make all things too weak and, in our conceptions of the aggregates, be driven to pulverize the things that exist, in other words the atoms, and annihilate them; but in dealing with finite things we must also reject as impossible the progression ad infinitum by less and less increments.

For when once we have said that an infinite number of particles, however small, are contained in anything, it is not possible to conceive how it could any longer be limited or finite in size. For clearly our infinite number of particles must have some size; and then, of whatever size they were, the aggregate they made would be infinite. And, in the next place, since what is finite has an extremity which is distinguishable, even if it is not by itself

observable, it is not possible to avoid thinking of another such extremity next to this. Nor can we help thinking that in this way, by proceeding forward from one to the next in order, it is possible by such a progression to arrive in thought at infinity.

We must consider the minimum perceptible by sense as not corresponding to that which is capable of being traversed, that is to say is extended, nor again as utterly unlike it, but as having something in common with the things capable of being traversed, though it is without distinction of parts. But when from the illusion created by this common property we think we shall distinguish something in the minimum, one part on one side and another part on the other side, it must be another minimum equal to the first which catches our eye. In fact, we see these minima one after another, beginning with the first, and not as occupying the same space; nor do we see them touch one another's parts with their parts, but we see that by virtue of their own peculiar character (as being unit indivisibles) they afford a means of measuring magnitudes: there are more of them, if the magnitude measured is greater; fewer of them, if the magnitude measured is less.

We must recognize that this analogy also holds of the minimum in the atom; it is only in minuteness that it differs from that which is observed by sense, but it follows the same analogy. On the analogy of things within our experience we have declared that the atom has magnitude; and this, small as it is, we have merely reproduced on a larger scale. And further, the least and simplest things must be regarded as extremities of lengths, furnishing from themselves as units the means of measuring lengths, whether greater or less, the mental vision being employed, since direct observation is impossible. For the community which exists between them and the unchangeable parts (the minimal parts of area or surface) is sufficient to justify the conclusion so far as this goes. But it is not possible that these minima of the atom should group themselves together through the possession of motion.

Further, we must not assert “up” and “down” of that which is unlimited, as if there were a zenith or nadir. As to the space overhead, however, if it be possible to draw a line to infinity from the point where we stand, we know that never will this space—or, for that matter, the space below the supposed

standpoint if produced to infinity—appear to us to be at the same time “up” and “down” with reference to the same point; for this is inconceivable. Hence it is possible to assume one direction of motion, which we conceive as extending upwards ad infinitum, and another downwards, even if it should happen ten thousand times that what moves from us to the spaces above our heads reaches the feet of those above us, or that which moves downwards from us the heads of those below us. None the less is it true that the whole of the motion in the respective cases is conceived as extending in opposite directions ad infinitum.

When they are traveling through the void and meet with no resistance, the atoms must move with equal speed. Neither will heavy atoms travel more quickly than small and light ones, so long as nothing meets them, nor will small atoms travel more quickly than large ones, provided they always find a passage suitable to their size. and provided also that they meet with no obstruction. Nor will their upward or their lateral motion, which is due to collisions, nor again their downward motion, due to weight, affect their velocity. As long as either motion obtains, it must continue, quick as the speed of thought, provided there is no obstruction, whether due to external collision or to the atoms' own weight counteracting the force of the blow.

Moreover, when we come to deal with composite bodies, one of them will travel faster than another, although their atoms have equal speed. This is because the atoms in the aggregates are traveling in one direction a during the shortest continuous time, albeit they move in different directions in times so short as to be appreciable only by the reason, but frequently collide until the continuity of their motion is appreciated by sense. For the assumption that beyond the range of direct observation even the minute times conceivable by reason will present continuity of motion is not true in the case before us. Our canon is that direct observation by sense and direct apprehension by the mind are alone invariably true.

Next, keeping in view our perceptions and feelings (for so shall we have the surest grounds for belief), we must recognize generally that the soul is a corporeal thing, composed of fine particles, dispersed all over the frame, most nearly resembling wind with an admixture of heat, in some respects like

wind, in others like heat. But, again, there is the third part which exceeds the other two in the fineness of its particles and thereby keeps in closer touch with the rest of the frame. And this is shown by the mental faculties and feelings, by the ease with which the mind moves, and by thoughts, and by all those things the loss of which causes death. Further, we must keep in mind that soul has the greatest share in causing sensation. Still, it would not have had sensation, had it not been somehow confined within the rest of the frame. But the rest of the frame, though it provides this indispensable conditions for the soul, itself also has a share, derived from the soul, of the said quality; and yet does not possess all the qualities of soul. Hence on the departure of the soul it loses sentience. For it had not this power in itself; but something else, congenital with the body, supplied it to body: which other thing, through the potentiality actualized in it by means of motion, at once acquired for itself a quality of sentience, and, in virtue of the neighborhood and interconnection between them, imparted it (as I said) to the body also.

Hence, so long as the soul is in the body, it never loses sentience through the removal of some other part. The containing sheaths may be dislocated in whole or in part, and portions of the soul may thereby be lost; yet in spite of this the soul, if it manage to survive, will have sentience. But the rest of the frame, whether the whole of it survives or only a part, no longer has sensation, when once those atoms have departed, which, however few in number, are required to constitute the nature of soul. Moreover, when the whole frame is broken up, the soul is scattered and has no longer the same powers as before, nor the same notions; hence it does not possess sentience either.

For we cannot think of it as sentient, except it be in this composite whole and moving with these movements; nor can we so think of it when the sheaths which enclose and surround it are not the same as those in which the soul is now located and in which it performs these movements.

There is the further point to be considered, what the incorporeal can be, if, I mean, according to current usage the term is applied to what can be conceived as self-existent. But it is impossible to conceive anything that is incorporeal as self-existent except empty space. And empty space cannot

itself either act or be acted upon, but simply allows body to move through it. Hence those who call soul incorporeal speak foolishly. For if it were so, it could neither act nor be acted upon. But, as it is, both these properties, you see, plainly belong to soul.

If, then, we bring all these arguments concerning soul to the criterion of our feelings and perceptions, and if we keep in mind the proposition stated at the outset, we shall see that the subject has been adequately comprehended in outline: which will enable us to determine the details with accuracy and confidence.

Moreover, shapes and colors, magnitudes and weights, and in short all those qualities which are predicated of body, in so far as they are perpetual properties either of all bodies or of visible bodies, are knowable by sensation of these very properties: these, I say, must not be supposed to exist independently by themselves (for that is inconceivable), nor yet to be non-existent, nor to be some other and incorporeal entities cleaving to body, nor again to be parts of body. We must consider the whole body in a general way to derive its permanent nature from all of them, though it is not, as it were, formed by grouping them together in the same way as when from the particles themselves a larger aggregate is made up, whether these particles be primary or any magnitudes whatsoever less than the particular whole. All these qualities, I repeat, merely give the body its own permanent nature. They all have their own characteristic modes of being perceived and distinguished, but always along with the whole body in which they inhere and never in separation from it; and it is in virtue of this complete conception of the body as a whole that it is so designated.

Again, qualities often attach to bodies without being permanent concomitants. They are not to be classed among invisible entities nor are they incorporeal. Hence, using the term “accidents” in the commonest sense, we say plainly that “accidents” have not the nature of the whole thing to which they belong, and to which, conceiving it as a whole, we give the name of body, nor that of the permanent properties without which body cannot be thought of. And in virtue of certain peculiar modes of apprehension into which the complete body always enters, each of them can be called an

accident. But only as often as they are seen actually to belong to it, since such accidents are not perpetual concomitants. There is no need to banish from reality this clear evidence that the accident has not the nature of that whole—by us called body—to which it belongs, nor of the permanent properties which accompany the whole. Nor, on the other hand, must we suppose the accident to have independent existence (for this is just as inconceivable in the case of accidents as in that of the permanent properties); but, as is manifest, they should all be regarded as accidents, not as permanent concomitants, of bodies, nor yet as having the rank of independent existence. Rather they are seen to be exactly as and what sensation itself makes them individually claim to be.

There is another thing which we must consider carefully. We must not investigate time as we do the other accidents which we investigate in a subject, namely, by referring them to the preconceptions envisaged in our minds; but we must take into account the plain fact itself, in virtue of which we speak of time as long or short, linking to it in intimate connection this attribute of duration. We need not adopt any fresh terms as preferable, but should employ the usual expressions about it. Nor need we predicate anything else of time, as if this something else contained the same essence as is contained in the proper meaning of the word “time” (for this also is done by some). We must chiefly reflect upon that to which we attach this peculiar character of time, and by which we measure it. No further proof is required: we have only to reflect that we attach the attribute of time to days and nights and their parts, and likewise to feelings of pleasure and pain and to neutral states, to states of movement and states of rest, conceiving a peculiar accident of these to be this very characteristic which we express by the word “time.”

After the foregoing we have next to consider that the worlds and every finite aggregate which bears a strong resemblance to things we commonly see have arisen out of the infinite. For all these, whether small or great, have been separated off from special conglomerations of atoms; and all things are again dissolved, some faster, some slower, some through the action of one set of causes, others through the action of another.

And further, we must not suppose that the worlds have necessarily one and

the same shape. For nobody can prove that in one sort of world there might not be contained, whereas in another sort of world there could not possibly be, the seeds out of which animals and plants arise and all the rest of the things we see.

Again, we must suppose that nature too has been taught and forced to learn many various lessons by the facts themselves, that reason subsequently develops what it has thus received and makes fresh discoveries, among some tribes more quickly, among others more slowly, the progress thus made being at certain times and seasons greater, at others less.

Hence even the names of things were not originally due to convention, but in the several tribes under the impulse of special feelings and special presentations of sense primitive man uttered special cries. The air thus emitted was molded by their individual feelings or sense-presentations, and differently according to the difference of the regions which the tribes inhabited. Subsequently whole tribes adopted their own special names, in order that their communications might be less ambiguous to each other and more briefly expressed. And as for things not visible, so far as those who were conscious of them tried to introduce any such notion, they put in circulation certain names for them, either sounds which they were instinctively compelled to utter or which they selected by reason on analogy according to the most general cause there can be for expressing oneself in such a way.

Nay more: we are bound to believe that in the sky revolutions, solstices, eclipses, risings and settings, and the like, take place without the ministration or command, either now or in the future, of any being who at the same time enjoys perfect bliss along with immortality. For troubles and anxieties and feelings of anger and partiality do not accord with bliss, but always imply weakness and fear and dependence upon one's neighbors. Nor, again, must we hold that things which are no more than globular masses of fire, being at the same time endowed with bliss, assume these motions at will. Nay, in every term we use we must hold fast to all the majesty which attaches to such notions as bliss and immortality, lest the terms should generate opinions inconsistent with this majesty. Otherwise such inconsistency will of itself

suffice to produce the worst disturbance in our minds. Hence, where we find phenomena invariably recurring, the invariability of the recurrence must be ascribed to the original interception and conglomeration of atoms whereby the world was formed.

Further, we must hold that to arrive at accurate knowledge of the cause of things of most moment is the business of natural science, and that happiness depends on this (viz. on the knowledge of celestial and atmospheric phenomena), and upon knowing what the heavenly bodies really are, and any kindred facts contributing to exact knowledge in this respect.

Further, we must recognize on such points as this no plurality of causes or contingency, but must hold that nothing suggestive of conflict or disquiet is compatible with an immortal and blessed nature. And the mind can grasp the absolute truth of this.

But when we come to subjects for special inquiry, there is nothing in the knowledge of risings and settings and solstices and eclipses and all kindred subjects that contributes to our happiness; but those who are well-informed about such matters and yet are ignorant—what the heavenly bodies really are, and what are the most important causes of phenomena, feel quite as much fear as those who have no such special information—nay, perhaps even greater fear, when the curiosity excited by this additional knowledge cannot find a solution or understand the subordination of these phenomena to the highest causes.

Hence, if we discover more than one cause that may account for solstices, settings and risings, eclipses and the like, as we did also in particular matters of detail, we must not suppose that our treatment of these matters fails of accuracy, so far as it is needful to ensure our tranquillity and happiness. When, therefore, we investigate the causes of celestial and atmospheric phenomena, as of all that is unknown, we must take into account the variety of ways in which analogous occurrences happen within our experience; while as for those who do not recognize the difference between what is or comes about from a single cause and that which may be the effect of any one of several causes, overlooking the fact that the objects are only seen at a

distance, and are moreover ignorant of the conditions that render, or do not render, peace of mind impossible—all such persons we must treat with contempt. If then we think that an event could happen in one or other particular way out of several, we shall be as tranquil when we recognize that it actually comes about in more ways than one as if we knew that it happens in this particular way.

There is yet one more point to seize, namely, that the greatest anxiety of the human mind arises through the belief that the heavenly bodies are blessed and indestructible, and that at the same time they have volition and actions and causality inconsistent with this belief; and through expecting or apprehending some everlasting evil, either because of the myths, or because we are in dread of the mere insensibility of death, as if it had to do with us; and through being reduced to this state not by conviction but by a certain irrational perversity, so that, if men do not set bounds to their terror, they endure as much or even more intense anxiety than the man whose views on these matters are quite vague. But mental tranquillity means being released from all these troubles and cherishing a continual remembrance of the highest and most important truths.

Hence we must attend to present feelings and sense perceptions, whether those of mankind in general or those peculiar to the individual, and also attend to all the clear evidence available, as given by each of the standards of truth. For by studying them we shall rightly trace to its cause and banish the source of disturbance and dread, accounting for celestial phenomena and for all other things which from time to time befall us and cause the utmost alarm to the rest of mankind.

Here then, Herodotus, you have the chief doctrines of Physics in the form of a summary. So that, if this statement be accurately retained and take effect, a man will, I make no doubt, be incomparably better equipped than his fellows, even if he should never go into all the exact details. For he will clear up for himself many of the points which I have worked out in detail in my complete exposition; and the summary itself, if borne in mind, will be of constant service to him.

It is of such a sort that those who are already tolerably, or even perfectly, well acquainted with the details can, by analysis of what they know into such elementary perceptions as these, best prosecute their researches in physical science as a whole; while those, on the other hand, who are not altogether entitled to rank as mature students can in silent fashion and as quick as thought run over the doctrines most important for their peace of mind.

Letter to Pythocles

Epicurus to Pythocles, greeting:

In your letter to me, of which Cleon was the bearer, you continue to show me affection which I have merited by my devotion to you, and you try, not without success, to recall the considerations which make for a happy life. To aid your memory you ask me for a clear and concise statement respecting celestial phenomena; for what we have written on this subject elsewhere is, you tell me, hard to remember, although you have my books constantly with you. I was glad to receive your request and am full of pleasant expectations. We will then complete our writing and grant all you ask. Many others besides you will find these reasonings useful, and especially those who have but recently made acquaintance with the true story of nature and those who are attached to pursuits which go deeper than any part of ordinary education. So you will do well to take and learn them and get them up quickly along with the short epitome in my letter to Herodotus.

In the first place, remember that, like everything else, knowledge of celestial phenomena, whether taken along with other things or in isolation, has no other end in view than peace of mind and firm convictions. We do not seek to wrest by force what is impossible, nor to understand all matters equally well, nor make our treatment always as clear as when we discuss human life or explain the principles of physics in general—for instance, that the whole of being consists of bodies and intangible nature, or that the ultimate elements of things are indivisible, or any other proposition which admits only one explanation of the phenomena to be possible. But this is not the case with celestial phenomena: these at any rate admit of manifold causes for their occurrence and manifold accounts, none of them contradictory of sensation, of their nature.

For in the study of nature we must not conform to empty assumptions and arbitrary laws, but follow the promptings of the facts; for our life has no need

now of unreason and false opinion; our one need is untroubled existence. All things go on uninterruptedly, if all be explained by the method of plurality of causes in conformity with the facts, so soon as we duly understand what may be plausibly alleged respecting them. But when we pick and choose among them, rejecting one equally consistent with the phenomena, we clearly fall away from the study of nature altogether and tumble into myth. Some phenomena within our experience afford evidence by which we may interpret what goes on in the heavens. We see how the former really take place, but not how the celestial phenomena take place, for their occurrence may possibly be due to a variety of causes. However, we must observe each fact as presented, and further separate from it all the facts presented along with it, the occurrence of which from various causes is not contradicted by facts within our experience.

A world is a circumscribed portion of the universe, which contains stars and earth and all other visible things, cut off from the infinite, and terminating in an exterior which may either revolve or be at rest, and be round or triangular or of any other shape whatever. All these alternatives are possible: they are contradicted by none of the facts in this world, in which an extremity can nowhere be discerned.

That there is an infinite number of such worlds can be perceived, and that such a world may arise in a world or in one of the intermundia (by which term we mean the spaces between worlds) in a tolerably empty space and not, as some maintain, in a vast space perfectly clear and void. It arises when certain suitable seeds rush in from a single world or intermundium, or from several, and undergo gradual additions or articulations or changes of place, it may be, and waterings from appropriate sources, until they are matured and firmly settled in so far as the foundations laid can receive them. For it is not enough that there should be an aggregation or a vortex in the empty space in which a world may arise, as the necessitarians hold, and may grow until it collide with another, as one of the so-called physicists says. For this is in conflict with facts.

The sun and moon and the stars generally were not of independent origin and later absorbed, within our world, [such parts of it at least as serve at all for its

defense]; but they at once began to take form and grow [and so too did earth and sea] by the accretions and whirling motions of certain substances of finest texture, of the nature either of wind or fire, or of both; for thus sense itself suggests.

The size of the sun and the remaining stars relatively to us is just as great as it appears. But in itself and actually it maybe a little larger or a little smaller, or precisely as great as it is seen to be. For so too fires of which we have experience are seen by sense when we see them at a distance. And every objection brought against this part of the theory will easily be met by anyone who attends to plain facts, as I show in my work *On Nature*. And the rising and setting of the sun, moon, and stars may be due to kindling and quenching, a provided that the circumstances are such as to produce this result in each of the two regions, east and west: for no fact testifies against this. Or the result might be produced by their coming forward above the earth and again by its intervention to hide them: for no fact testifies against this either. And their motions may be due to the rotation of the whole heaven, or the heaven may be at rest and they alone rotate according to some necessary impulse to rise, implanted at first when the world was made ... and this through excessive heat, due to a certain extension of the fire which always encroaches upon that which is near it.

The turnings of the sun and moon in their course may be due to the obliquity of the heaven, whereby it is forced back at these times. Again, they may equally be due to the contrary pressure of the air or, it may be, to the fact that either the fuel from time to time necessary has been consumed in the vicinity or there is a dearth of it. Or even because such a whirling motion was from the first inherent in these stars so that they move in a sort of spiral. For all such explanations and the like do *Dot* conflict with any clear evidence, if only in such details we hold fast to what is possible, and can bring each of these explanations into accord with the facts, unmoved by the servile artifices of the astronomers.

The waning of the moon and again her waxing might be due to the rotation of the moon's body, and equally well to configurations which the air assumes; further, it may be due to the interposition of certain bodies. In short, it may

happen in any of the ways in which the facts within our experience suggest such an appearance to be explicable. But one must not be so much in love with the explanation by a single way as wrongly to reject all the others from ignorance of what can, and what cannot, be within human knowledge, and consequent longing to discover the undiscoverable. Further, the moon may possibly shine by her own light, just as possibly she may derive her light from the sun; for in our own experience we see many things which shine by their own light and many also which shine by borrowed light. And none of the celestial phenomena stand in the way, if only we always keep in mind the method of plural explanation and the several consistent assumptions and causes, instead of dwelling on what is inconsistent and giving it a false importance so as always to fall back in one way or another upon the single explanation. The appearance of the face in the moon may equally well arise from interchange of parts, or from interposition of something, or in any other of the ways which might be seen to accord with the facts. For in all the celestial phenomena such a line of research is not to be abandoned; for, if you fight against clear evidence, you never can enjoy genuine peace of mind.

An eclipse of the sun or moon may be due to the extinction of their light, just as within our own experience this is observed to happen; and again by interposition of something else—whether it be the earth or some other invisible body like it. And thus we must take in conjunction the explanations which agree with one another, and remember that the concurrence of more than one at the same time may not impossibly happen.

And further, let the regularity of their orbits be explained in the same way as certain ordinary incidents within our own experience; the divine nature must not on any account be adduced to explain this, but must be kept free from the task and in perfect bliss. Unless this be done, the whole study of celestial phenomena will be in vain, as indeed it has proved to be with some who did not lay hold of a possible method, but fell into the folly of supposing that these events happen in one single way only and of rejecting all the others which are possible, suffering themselves to be carried into the realm of the unintelligible, and being unable to take a comprehensive view of the facts which must be taken as clues to the rest.

The variations in the length of nights and days may be due to the swiftness and again to the slowness of the sun's motion in the sky, owing to the variations in the length of spaces traversed and to his accomplishing some distances more swiftly or more slowly, as happens sometimes within our own experience; and with these facts our explanation of celestial phenomena must agree; whereas those who adopt only one explanation are in conflict with the facts and are utterly mistaken as to the way in which man can attain knowledge.

The signs in the sky which betoken the weather may be due to mere coincidence of the seasons, as is the case with signs from animals seen on earth, or they may be caused by changes and alterations in the air. For neither the one explanation nor the other is in conflict with facts, and it is not easy to see in which cases the effect is due to one cause or to the other.

Clouds may form and gather either because the air is condensed under the pressure of winds, or because atoms which hold together and are suitable to produce this result become mutually entangled, or because currents collect from the earth and the waters; and there are several other ways in which it is not impossible for the aggregations of such bodies into clouds to be brought about. And that being so, rain may be produced from them sometimes by their compression, sometimes by their transformation; or again may be caused by exhalations of moisture rising from suitable places through the air, while a more violent inundation is due to certain accumulations suitable for such discharge. Thunder may be due to the rolling of wind in the hollow parts of the clouds, as it is sometimes imprisoned in vessels which we use; or to the roaring of fire in them when blown by a wind, or to the rending and disruption of clouds, or to the friction and splitting up of clouds when they have become as firm as ice.

As in the whole survey, so in this particular point, the facts invite us to give a plurality of explanations. Lightning too happens in a variety of ways. For when the clouds rub against each other and collide, that collocation of atoms which is the cause of fire generates lightning; or it may be due to the flashing forth from the clouds, by reason of winds, of particles capable of producing this brightness; or else it is squeezed out of the clouds when they have been

condensed either by their own action or by that of the winds; or again, the light diffused from the stars may be enclosed in the clouds, then driven about by their motion and by that of the winds, and finally make its escape from the clouds; or light of the finest texture may be filtered through the clouds (whereby the clouds may be set on fire and thunder produced), and the motion of this light may make lightning; or it may arise from the combustion of wind brought about by the violence of its motion and the intensity of its compression; or, when the clouds are rent asunder by winds, and the atoms which generate fire are expelled, these likewise cause lightning to appear.

And it may easily be seen that its occurrence is possible in many other ways, so long as we hold fast to facts and take a general view of what is analogous to them. Lightning precedes thunder, when the clouds are constituted as mentioned above and the configuration which produces lightning is expelled at the moment when the wind falls upon the cloud, and the wind being rolled up afterwards produces the roar of thunder; or, if both are simultaneous, the lightning moves with a greater velocity towards its and the thunder lags behind, exactly as when persons who are striking blows are observed from a distance. A thunderbolt is caused when winds are repeatedly collected, imprisoned, and violently ignited; or when a part is torn asunder and is more violently expelled downwards, the rending being due to the fact that the compression of the clouds has made the neighboring parts more dense; or again it may be due like thunder merely to the expulsion of the imprisoned fire, when this has accumulated and been more violently inflated with wind and has torn the cloud, being unable to withdraw to the adjacent parts because it is continually more and more closely compressed [generally by some high mountain where thunderbolts mostly fall]. And there are several other ways in which thunderbolts may possibly be produced. Exclusion of myth is the sole condition necessary; and it will be excluded, if one properly attends to the facts and hence draws inferences to interpret what is obscure.

Fiery whirlwinds are due to the descent of a cloud forced downwards like a pillar by the wind in full force and carried by a gale round and round, while at the same time the outside wind gives the cloud a lateral thrust; or it may be due to a change of the wind which veers to all points of the compass as a current of air from above helps to force it to move; or it may be that a strong

eddy of winds has been started and is unable to burst through laterally because the air around is closely condensed. And when they descend upon land, they cause what are called tornadoes, in accordance with the various ways in which they are produced through the force of the wind; and when let down upon the sea, they cause waterspouts.

Earthquakes may be due to the imprisonment of wind underground, and to its being interspersed with small masses of earth and then set in continuous motion, thus causing the earth to tremble. And the earth either takes in this wind from without or from the falling in of foundations, when undermined, into subterranean caverns, thus raising a wind in the imprisoned air. Or they may be due to the propagation of movement arising from the fall of many foundations and to its being again checked when it encounters the more solid resistance of earth. And there are many other causes to which these oscillations of the earth may be due.

Winds arise from time to time when foreign matter continually and gradually finds its way into the air; also through the gathering of great store of water. The rest of the winds arise when a few of them fall into the many hollows and they are thus divided and multiplied.

Hail is caused by the firmer congelation and complete transformation, and subsequent distribution into drops, of certain particles resembling wind : also by the slighter congelation of certain particles of moisture and the vicinity of certain particles of wind which at one and the same time forces them together and makes them burst, so that they become frozen in parts and in the whole mass. The round shape of hailstones is not impossibility due to the extremities on all sides being melted and to the fact that, as explained, particles either of moisture or of wind surround them evenly on all sides and in every quarter, when they freeze.

Snow may be formed when a fine rain issues from the clouds because the pores are symmetrical and because of the continuous and violent pressure of the winds upon clouds which are suitable; and then this rain has been frozen on its way because of some violent change to coldness in the regions below the clouds. Or again, by congelation in clouds which have uniform density a

fall of snow might occur through the clouds which contain moisture being densely packed in close proximity to each other; and these clouds produce a sort of compression and cause hail, and this happens mostly in spring. And when frozen clouds rub against each other., this accumulation of snow might be thrown off. And there are other ways in which snow might be formed.

Dew is formed when such particles as are capable of producing this sort of moisture meet each other from the air: again by their rising from moist and damp places, the sort of place where dew is chiefly formed, and their subsequent coalescence, so as to create moisture and fall downwards, just as in several cases something similar is observed to take place under our eyes. And the formation of hoar-frost is not different from that of dew, certain particles of such a nature becoming in some such way congealed owing to a certain condition of cold air.

Ice is formed by the expulsion from the water of the circular, and the compression of the scalene and acute-angled atoms contained in it; further by the accretion of such atoms from without, which being driven together cause the water to solidify after the expulsion of a certain number of round atoms.

The rainbow arises when the sun shines upon humid air; or again by a certain peculiar blending of light with air, which will cause either all the distinctive qualities of these colors or else some of them belonging to a single kind, and from the reflection of this light the air all around will be colored as we see it to be, as the sun shines upon its parts. The circular shape which it assumes is due to the fact that the distance of every point is perceived by our sight to be equal; or it may be because, the atoms in the air or in the clouds and deriving from the sun having been thus united, the aggregate of them presents a sort of roundness.

A halo round the moon arises because the air on all sides extends to the moon; or because it equably raises upwards the currents from the moon so high as to impress a circle upon the cloudy mass and not to separate it altogether; or because it raises the air which immediately surrounds the moon symmetrically from all sides up to a circumference round her and there forms a thick ring. And this happens at certain parts either because a current has

forced its way in from without or because the heat has gained possession of certain passages in order to effect this.

Comets arise either because fire is nourished in certain places at certain intervals in the heavens, if circumstances are favourable; or because at times the heaven has a particular motion above us so that such stars appear; or because the stars themselves are set in motion under certain conditions and come to our neighbourhood and show themselves. And their disappearance is due to the causes which are the opposite of these. Certain stars may revolve without setting not only for the reason alleged by some, because this is the part of the world round which, itself unmoved, the rest revolves, but it may also be because a circular eddy of air surrounds this part, which prevents them from traveling out of sight like other stars or because there is a dearth of necessary fuel farther on, while there is abundance in that part where they are seen to be. Moreover there are several other ways in which this might be brought about, as may be seen by anyone capable of reasoning in accordance with the facts.

The wanderings of certain stars, if such wandering is their actual motion, and the regular movement of certain other stars, may be accounted for by saying that they originally moved in a circle and were constrained, some of them to be whirled round with the same uniform rotation and others with a whirling motion which varied; but it may also be that according to the diversity of the regions traversed in some places there are uniform tracts of air, forcing them forward in one direction and burning uniformly, in others these tracts present such irregularities as cause the motions observed. To assign a single cause for these effects when the facts suggest several causes is madness and a strange inconsistency; yet it is done by adherents of rash astronomy, who assign meaningless causes for the stars whenever they persist in saddling the divinity with burdensome tasks. That certain stars are seen to be left behind by others may be because they travel more slowly, though they go the same round as the others; or it may be that they are drawn back by the same whirling motion and move in the opposite direction; or again it may be that some travel over a larger and others over a smaller space in making the same revolution. But to lay down as assured a single explanation of these phenomena is worthy of those who seek to dazzle the multitude with marvels.

Falling stars, as they are called, may in some cases be due to the mutual friction of the stars themselves, in other cases to the expulsion of certain parts when that mixture of fire and air takes place which was mentioned when we were discussing lightning; or it may be due to the meeting of atoms capable of generating fire, which accord so well as to produce this result, and their subsequent motion wherever the impulse which brought them together at first leads them; or it may be that wind collects in certain dense mist-like masses and, since it is imprisoned, ignites and then bursts forth upon whatever is round about it, and is carried to that place to which its motion impels it. And there are other ways in which this can be brought about without recourse to myths.

The fact that the weather is sometimes foretold from the behaviour of certain animals is a mere coincidence in time. For the animals offer no necessary reason why a storm should be produced and no divine being sits observing when these animals go out and afterwards fulfilling the signs which they have given. For such folly as this would not possess the most ordinary being if ever so little enlightened, much less one who enjoys perfect felicity.

All this, Pythocles, you should keep in mind; for then you will escape a long way from myth, and you will be able to view in their connection the instances which are similar to these. But above all give yourself up to the study of first principles and of infinity and of kindred subjects, and further of the standards and of the feelings and of the end for which we choose between them. For to study these subjects together will easily enable you to understand the causes of the particular phenomena. And those who have not fully accepted this, in proportion as they have not done so, will be ill acquainted with these very subjects, nor have they secured the end for which they ought to be studied.

Letter to Menoeceus

Greeting.

Let no one be slow to seek wisdom when he is young nor weary in the search thereof when he is grown old. For no age is too early or too late for the health of the soul. And to say that the season for studying philosophy has not yet come, or that it is past and gone, is like saying that the season for happiness is not yet or that it is now no more. Therefore, both old and young ought to seek wisdom, the former in order that, as age comes over him, he may be young in good things because of the grace of what has been, and the latter in order that, while he is young, he may at the same time be old, because he has no fear of the things which are to come. So we must exercise ourselves in the things which bring happiness, since, if that be present, we have everything, and, if that be absent, all our actions are directed toward attaining it.

Those things which without ceasing I have declared to you, those do, and exercise yourself in those, holding them to be the elements of right life. First believe that God is a living being immortal and happy, according to the notion of a god indicated by the common sense of humankind; and so of him anything that is at agrees not with about him whatever may uphold both his happiness and his immortality. For truly there are gods, and knowledge of them is evident; but they are not such as the multitude believe, seeing that people do not steadfastly maintain the notions they form respecting them. Not the person who denies the gods worshipped by the multitude, but he who affirms of the gods what the multitude believes about them is truly impious. For the utterances of the multitude about the gods are not true preconceptions but false assumptions; hence it is that the greatest evils happen to the wicked and the greatest blessings happen to the good from the hand of the gods, seeing that they are always favorable to their own good qualities and take pleasure in people like to themselves, but reject as alien whatever is not of their kind.

Accustom yourself to believe that death is nothing to us, for good and evil imply awareness, and death is the privation of all awareness; therefore a right understanding that death is nothing to us makes the mortality of life enjoyable, not by adding to life an unlimited time, but by taking away the yearning after immortality. For life has no terror; for those who thoroughly apprehend that there are no terrors for them in ceasing to live. Foolish, therefore, is the person who says that he fears death, not because it will pain when it comes, but because it pains in the prospect. Whatever causes no annoyance when it is present, causes only a groundless pain in the expectation. Death, therefore, the most awful of evils, is nothing to us, seeing that, when we are, death is not come, and, when death is come, we are not. It is nothing, then, either to the living or to the dead, for with the living it is not and the dead exist no longer. But in the world, at one time people shun death as the greatest of all evils, and at another time choose it as a respite from the evils in life. The wise person does not deprecate life nor does he fear the cessation of life. The thought of life is no offense to him, nor is the cessation of life regarded as an evil. And even as people choose of food not merely and simply the larger portion, but the more pleasant, so the wise seek to enjoy the time which is most pleasant and not merely that which is longest. And he who admonishes the young to live well and the old to make a good end speaks foolishly, not merely because of the desirability of life, but because the same exercise at once teaches to live well and to die well. Much worse is he who says that it were good not to be born, but when once one is born to pass with all speed through the gates of Hades. For if he truly believes this, why does he not depart from life? It were easy for him to do so, if once he were firmly convinced. If he speaks only in mockery, his words are foolishness, for those who hear believe him not.

We must remember that the future is neither wholly ours nor wholly not ours, so that neither must we count upon it as quite certain to come nor despair of it as quite certain not to come.

We must also reflect that of desires some are natural, others are groundless; and that of the natural some are necessary as well as natural, and some natural only. And of the necessary desires some are necessary if we are to be happy, some if the body is to be rid of uneasiness, some if we are even to

live. He who has a clear and certain understanding of these things will direct every preference and aversion toward securing health of body and tranquillity of mind, seeing that this is the sum and end of a happy life.

For the end of all our actions is to be free from pain and fear, and, when once we have attained all this, the tempest of the soul is laid; seeing that the living creature has no need to go in search of something that is lacking, nor to look anything else by which the good of the soul and of the body will be fulfilled. When we are pained pleasure, then, and then only, do we feel the need of pleasure. For this reason we call pleasure the alpha and omega of a happy life. Pleasure is our first and kindred good. It is the starting-point of every choice and of every aversion, and to it we come back, inasmuch as we make feeling the rule by which to judge of every good thing. And since pleasure is our first and native good, for that reason we do not choose every pleasure whatever, but often pass over many pleasures when a greater annoyance ensues from them. And often we consider pains superior to pleasures when submission to the pains for a long time brings us as a consequence a greater pleasure. While therefore all pleasure because it is naturally akin to us is good, not all pleasure is worthy of choice, just as all pain is an evil and yet not all pain is to be shunned. It is, however, by measuring one against another, and by looking at the conveniences and inconveniences, that all these matters must be judged. Sometimes we treat the good as an evil, and the evil, on the contrary, as a good. Again, we regard independence of outward things as a great good, not so as in all cases to use little, but so as to be contented with little if we have not much, being honestly persuaded that they have the sweetest enjoyment of luxury who stand least in need of it, and that whatever is natural is easily procured and only the vain and worthless hard to win. Plain fare gives as much pleasure as a costly diet, when once the pain of want has been removed, while bread and water confer the highest possible pleasure when they are brought to hungry lips. To habituate one's self therefore, to simple and inexpensive diet supplies all that is needful for health, and enables a person to meet the necessary requirements of life without shrinking and it places us in a better condition when we approach at intervals a costly fare and renders us fearless of fortune.

When we say, then, that pleasure is the end and aim, we do not mean the

pleasures of the prodigal or the pleasures of sensuality, as we are understood to do by some through ignorance, prejudice, or willful misrepresentation. By pleasure we mean the absence of pain in the body and of trouble in the soul. It is not an unbroken succession of drinking-bouts and of merrymaking, not sexual love, not the enjoyment of the fish and other delicacies of a luxurious table, which produce a pleasant life; it is sober reasoning, searching out the grounds of every choice and avoidance, and banishing those beliefs through which the greatest disturbances take possession of the soul. Of all this the d is prudence. For this reason prudence is a more precious thing even than the other virtues, for ad a life of pleasure which is not also a life of prudence, honor, and justice; nor lead a life of prudence, honor, and justice, which is not also a life of pleasure. For the virtues have grown into one with a pleasant life, and a pleasant life is inseparable from them.

Who, then, is superior in your judgment to such a person? He holds a holy belief concerning the gods, and is altogether free from the fear of death. He has diligently considered the end fixed by nature, and understands how easily the limit of good things can be reached and attained, and how either the duration or the intensity of evils is but slight. Destiny which some introduce as sovereign over all things, he laughs to scorn, affirming rather that some things happen of necessity, others by chance, others through our own agency. For he sees that necessity destroys responsibility and that chance or fortune is inconstant; whereas our own actions are free, and it is to them that praise and blame naturally attach. It were better, indeed, to accept the legends of the gods than to bow beneath destiny which the natural philosophers have imposed. The one holds out some faint hope that we may escape if we honor the gods, while the necessity of the naturalists is deaf to all entreaties. Nor does he hold chance to be a god, as the world in general does, for in the acts of a god there is no disorder; nor to be a cause, though an uncertain one, for he believes that no good or evil is dispensed by chance to people so as to make life happy, though it supplies the starting-point of great good and great evil. He believes that the misfortune of the wise is better than the prosperity of the fool. It is better, in short, that what is well judged in action should not owe its successful issue to the aid of chance.

Exercise yourself in these and kindred precepts day and night, both by

yourself and with him who is like to you; then never, either in waking or in dream, will you be disturbed, but will live as a god among people. For people lose all appearance of mortality by living in the midst of immortal blessings.

NOTAS

1 Infelizmente não está disponível versão em português do texto completo, Os Livros [VII-Estoicos](#) e [X-Epicuro](#) foram publicados pela Montecristo.

2 Filosofia é definida como "uma atividade que por palavras e argumentos assegura a vida feliz" (Sextus Empiricus).

3 O necessitarismo é um princípio metafísico que nega toda mera possibilidade; há exatamente uma maneira de ser do mundo.

4 Nota de Diogenes Laércio: “Isto ele afirma no décimo primeiro livro Sobre a Natureza. Pois, diz ele, se tivesse diminuído de tamanho por causa da distância, teria diminuído muito mais o seu brilho; pois de fato não há distância mais proporcional a esta diminuição de tamanho do que a distância a que o brilho começa a diminuir.

5 Uma parte foi perdida.

6 O Reino de Hades, ou mundo inferior na mitologia grega, é a terra dos mortos, o local para onde a alma das pessoas se dirigiria após a morte. Nesse local as almas passariam por um julgamento, onde seu destino seria decidido. De acordo com a sentença do julgamento, as almas poderiam ser enviadas para três regiões bem distintas: o Tártaro, os Campos Elísios ou o Campo de Asfódelos.

7 Aqui Epicuro contrasta desejos naturais com desejos que são κενός (inúteis, vãos). No entanto, κενός é geralmente o oposto de πλήρης (cheio, completo), não de φυσικός (natural, nativo).

Classificação dos desejos segundo Epicuro					
Desejos naturais				Desejos Inúteis	
Necessários			Simplemente naturais	Artificiais	Irrealizáveis
<i>Para a felicidade (eudaimonia)</i>	<i>Para a tranquilidade do corpo</i>	<i>Para a vida (nutrição, sono)</i>	<i>Variações de prazeres, busca do agradável</i>	<i>Exemplo: riqueza, glória</i>	<i>Exemplo: imortalidad</i>

Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de [Sêneca a Lucílio](#), onde Epicuro é citado nominalmente 78 vezes!

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do [Volume I](#) e [Volume II](#), aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa

gratior et pulchro veniens e corpore virtus. ¹

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu temos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos²? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, – a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em

uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua

fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição³. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens,

que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris⁴, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso

é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrande todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos enchem de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apegue a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil⁵. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, – tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma

declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaja em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio⁶, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivocou e assassinou uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

Sumário

Introdução

Epicuro e sua filosofia

Cartas e Principais Doutrinas

A tradução

Principais Doutrinas de Epicuro - Princípios

Carta a Heródoto, Sobre física

Carta a Pítocles, Sobre astronomia

Carta a Meneceu, Sobre a Felicidade

Principal Doctrines By Epicurus

Letter to Herodotus

Letter to Pythocles

Letter to Menoeceus

Notas

Bônus

Carta I. Sobre aproveitar o tempo

Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Sumário